



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

MIRIAM CONDE

O ARCO-ÍRIS DE LUTO: HOMOFOBIA INTERNALIZADA E SUICÍDIO

**Brasília
2016**

MIRIAM CONDE

O ARCO-ÍRIS DE LUTO: HOMOFOBIA INTERNALIZADA E SUICÍDIO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientadora: Profa. Ilesimara Moraes da Silva

Brasília
2016

MIRIAM CONDE

O ARCO-ÍRIS DE LUTO: HOMOFOBIA INTERNALIZADA E SUICÍDIO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientadora: Profa. Ilsimara Moraes da Silva

Brasília, 06 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora

Profa. Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

Profa. Examinadora: Miriam May Philippi

Profa. Examinadora: Luciana Campolina

Dedico este estudo a todos aqueles que não foram tocados a tempo de darem um outro sentido a suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, ao meu amigo Marcinho, pois ele me fez refletir sobre a questão homossexual abrindo-me a possibilidade de ressignificar os meus “pré-conceitos”;

À minha professora orientadora, Ilesimara Moraes da Silva, pelo incentivo, apoio, dedicação, paciência e contribuição durante o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa;

A todos os professores do curso de Psicologia, que foram tão importantes na minha vida acadêmica no desenvolvimento desta monografia;

Aos meus pais, especialmente minha mãe, pois sem eles não haveria minha existência;

À minha filha e minhas netas, razão da minha alegria e da minha compreensão do que é viver confirmada;

Ao Wilson, meu companheiro, pela compreensão e paciência diante dos meus momentos de querer apenas estudar e escrever;

Às minhas amigas Nuérpia e Rosana, que me apoiaram em momentos difíceis e que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste estudo;

À muitos outros amigos que, ao me confirmarem, fizeram de mim uma pessoa única.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo compreender a vivência da homofobia internalizada como fator de risco para o suicídio, considerando as cenas do filme Orações para Bobby (2009). Com enfoque na metodologia qualitativa e nos fundamentos da Gestalt-terapia, procedeu-se a recortes das cenas do filme com vistas a compreender o significado do mundo vivido pelo protagonista da trama, utilizando o método fenomenológico de Giorgi (1985). A partir da seleção das cenas, foram elaboradas cinco categorias de sentido: vivência da sexualidade; homofobia familiar e religiosa; homofobia internalizada e o suicídio; em busca de confirmação, e luto e compreensão da homossexualidade. Verificou-se que, embora a internalização da homofobia seja uma experiência subjetiva e uma forma particular de sentir, vivenciar e experienciar o fato, um contexto homofóbico favorece a formação de padrões cristalizados de expressão das necessidades e um viver inautêntico, desencadeando sentimento de tristeza e de angústia. Nessas situações, o suicídio pode ser uma alternativa para pôr fim ao sofrimento. O ser humano, como ser relacional, necessita da confirmação como validação da sua existência.

Palavras-chave: Fenomenologia. Gestalt-terapia. Homofobia. Homofobia internalizada. Suicídio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HOMOSSEXUALIDADE, CONTEXTO HOMOFÓBICO E SUICÍDIO.....	12
2.1 Homofobia familiar	24
2.2 Homofobia e religião	26
2.3 O suicídio na perspectiva da Gestalt-terapia	28
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 Vivência da sexualidade	39
4.2 Homofobia familiar e religiosa	40
4.3 A internalização da homofobia e o cometimento de suicídio	44
4.4 Em busca de confirmação	52
4.5 Luto e compreensão da homossexualidade	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO FILME “ORAÇÕES PARA BOBBY”.....	68

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o comportamento suicida vem ganhando impulso em termos numéricos, conforme se observa dos dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (OPS, 2014).

Segundo a OMS, mais de 800.000 pessoas no mundo se suicidaram em 2012. De acordo com o levantamento realizado por esse organismo, as pessoas acima de 70 anos são as que mais se suicidam. No entanto, o suicídio tem sido a segunda causa principal de morte no grupo etário de 15 a 29 anos (OPS, 2014).

Para a OMS, o suicídio é um grave problema de saúde pública, razão pela qual estabeleceu como objetivo em seu Plano de Ação de Saúde Mental de 2013-2020 a redução em 10% dos índices de suicídio (OPS, 2014).

O Brasil é o oitavo país em número de suicídios, no mundo. Em 2012, foram registradas 11.821 mortes, sendo 9.198 homens e 2.623 mulheres, perfazendo uma taxa de 5,8 mortes por cada 100 mil habitantes. De 2000 a 2012, houve um aumento de 10,4% na quantidade de mortes, bem como o crescimento da ocorrência desse evento entre a população de mulheres. Há que se levar em conta que esses dados podem ainda estar subestimados, pois o suicídio é um assunto delicado, o que contribui para a subnotificações e o registro como morte por acidente ou outra causa (OPS, 2014).

Esses números tornam-se ainda mais significativos quando se consideram as tentativas de suicídio não consumadas que são estimadas em 20 vezes as de suicídios realizados, representando uma tentativa a cada 2 segundos, pelo mundo. Para a OMS, esse fato é um dos fatores de risco de grande importância para a população em geral (OPS, 2014).

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2014) aponta que a taxa de óbitos por suicídios entre homens é de três vezes mais do que entre mulheres. Porém, as mulheres tentam mais suicídios. Para a ABP, as mulheres possuem uma maior rede de apoio e se envolvem geralmente em atividades que lhes proporcionam um sentido de vida, o que contribui para a redução do número de suicídios. Quanto aos homens, os principais fatores para o cometimento do suicídio estariam associados à solidão e ao isolamento social.

Uma das grandes questões que envolvem a temática sobre o suicídio refere-se à compreensão do que leva um sujeito ao cometimento desse ato. Nesse sentido, caberia considerar que fatores de riscos podem desencadear o autoextermínio.

Para Dutra e Roehe (2013), os modos de ser do homem devem ser considerados ao se pensar nas questões existenciais que envolvem o suicídio, pois é na relação com si e com o mundo que se dá a ação humana e as formas de escolhas.

Rocha, Boris e Moreira (2012) trazem que a morte é uma experiência humana legítima e que, quando a existência está sem significado, pode parecer o melhor caminho.

É necessário se destituir o lugar do tabu do suicídio, pois deve-se lembrar que aquele que pensa em se matar é antes de tudo uma pessoa em sofrimento intenso e que o suicídio pode ser prevenido, se a pessoa for acolhida (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013). Assim, entender sobre o suicídio implica reconhecer os fatores de risco.

Para o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013, p. 11), é preciso “tratar das causas específicas básicas que levam uma pessoa a se matar”, bem como “desenvolver planos de ação adequados ao cenário brasileiro e à saúde pública”. A troca de experiências e o desenvolvimento e conhecimento de estudos sobre o tema pode fornecer subsídios para que a questão do suicídio possa ser tratada de forma técnica, ética e compromissada com os envolvidos e com a sociedade.

Segundo a ABP (2014, p. 19), atualmente, diante de dados que evidenciam um maior risco de suicídio decorrente de conflitos em torno da identidade sexual, é importante se considerar esse fator ao se estabelecer programa de prevenção do suicídio.

Na atualidade, convive-se com uma sexualidade em trânsito aliada com práticas sociais estigmatizantes que excluem e ridicularizam aqueles que não aderem aos padrões da heteronormatividade. Uma das consequências da exclusão tem sido o suicídio, conforme indicam algumas pesquisas, como as relacionadas por Teixeira-Filho e Rondini (2012). Dados de estudos internacionais apontam que os não heterossexuais estão no grupo dos que mais se suicidam.

Conforme Guimarães (2012), uma sociedade heterossexista e homofóbica alija os indivíduos que não se enquadram na norma heterossexual. Muitos dos sujeitos excluídos internalizam ideias e atitudes negativas acerca da homossexualidade e acabam por esconderem ou disfarçarem sua orientação sexual. Dessa forma, ocorre uma poderosa introjeção tóxica da homofobia, cujo processo de internalização pode ser um dos fatores de risco para o cometimento de suicídio.

A questão da homossexualidade vem sendo discutida em diversos espaços sociais, inclusive na Psicologia. É relevante destacar o teor da Resolução CFP nº 01, de 22 de março de 1999, que “Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”, cujos artigos 3º e 4º prescrevem:

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Smigay (2002, p. 34) entende que as discussões em torno da homofobia são um desafio para muitos psicólogos, que ainda não estão familiarizados com a “gramática de gênero, de classe e de raça/etnia” ou que não consideram os fatores psicossociológicos envolvidos.

Apesar dos avanços da Psicologia acerca das questões de orientação sexual, como o enfraquecimento do paradigma da cura da homossexualidade, o viés heterossexista ainda prevalece nas pesquisas e nas práticas psicológicas (LACERDA; CAMINO, 2002, apud ALEXANDRE; LIMA; GALVÃO, 2014).

Nesse sentido, é importante destacar que, inobstante o progresso na concessão dos direitos do público LGBT¹, a homossexualidade permanece como alvo de discriminação.

Observa-se que a sociedade ainda se encontra despreparada para a tolerância e respeito às diferenças. Para Passos (1999, apud GUIMARÃES, 2009), o homossexual defronta-se com uma questão existencial: “ser ou não ser”, assumir-se ou não como homossexual em uma sociedade que sustenta ameaças implícitas das consequências negativas de se declarar como tal.

O processo de exclusão social, fenômeno complexo e multifacetado, traz implicações no âmbito da individualidade e das relações sociais do indivíduo homossexual (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Prado e Machado (2008, apud PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014) consideram que a homofobia impossibilita os indivíduos de se assumirem homossexuais de uma forma mais legítima, no contexto social, além de, implicitamente, autorizar o uso de expressões e manifestações impregnadas de preconceitos e de teor violento.

O tema da homossexualidade é extremamente relevante e ainda incomoda muito a sociedade e provoca olhares dos mais diversos. “[...] há quem olhe e, principalmente, quem não queira olhar ou, ainda, quem olhe e não veja. Há uma infinidade de olhares: nebulosos,

¹ A sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) passou a ser adotada pelos movimentos sociais de reivindicação de direitos e cidadania das minorias sexuais a partir da Primeira Conferência Nacional GLBT, em 2008 (NATIVIDADE, 2013).

sombrios, hostis, desconfiados, preconceituosos, repressivos, medrosos” (SANTOS; BERNARDES, 2008, p. 289).

Uma das expressões da homofobia tem sido o bullying homofóbico² presente nas escolas. Koehler (2013) destaca que estudos e pesquisas têm demonstrado que essa prática leva jovens a se suicidarem e que o problema é global, conforme o apontado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2013), no caderno lançado com o título Resposta do Setor de Educação ao Bullying Homofóbico.

Assim, no presente trabalho, elegeu-se como objeto de estudo o fenômeno de suicídio de pessoas homossexuais, com base na perspectiva fenomenológica existencial, na qual se fundamenta a Gestalt-terapia (GT).

A pergunta norteadora da pesquisa foi: Como poderia se compreender o suicídio de pessoas homossexuais em um contexto homofóbico, à luz da Gestalt-terapia?

Como objetivo geral, busca-se compreender o fenômeno de suicídio de pessoas homossexuais, em um contexto homofóbico, na perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia. Destacam-se como objetivos específicos: a) debater sobre o contexto homofóbico e suas implicações; b) discutir o fenômeno da homofobia internalizada como fator de risco para o suicídio; e c) avaliar a relação do suicídio, homofobia internalizada e autorregulação.

Este trabalho inicia-se com uma revisão de literatura sobre o tema homofobia, com especial destaque ao contexto familiar e religioso, seguida da discussão acerca do suicídio na ótica da Gestalt-terapia (Capítulo 2).

Após o referencial teórico, são tecidas considerações relativas à trajetória metodológica desta pesquisa, que se fundamentou na metodologia qualitativa, na fenomenologia e na abordagem gestáltica (Capítulo 3). Para tanto, o estudo utilizou-se da análise de uma trama cinematográfica, intitulada “Orações para Bobby” (2009), com foco no protagonista do filme.

O Capítulo 4 trata da análise e discussão dos dados, no qual procurou-se correlacionar o exame do filme em questão com a literatura investigada. Nesse procedimento, buscou-se os eixos de significado do material coletado, constituído pela apreensão dos significados potenciais do vivido por Bobby. Finalmente, no Capítulo 5, estão expostas as “Considerações Finais”.

² De acordo com a Unesco, o bullying homofóbico é um tipo de bullying motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima”, e provoca graves repercussões na educação de crianças e de jovens.

Ressalte-se que, para fins de análise, o termo homossexualidade foi utilizado nesta pesquisa de forma ampla a fim de significar o desejo e as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo/ gênero.

2 HOMOSSEXUALIDADE, CONTEXTO HOMOFÓBICO E SUICÍDIO

Quando alguém tira voluntariamente a própria vida, surgem vários questionamentos sobre o porquê desse ato. Observa-se que, via de regra, ainda há uma desqualificação desse evento, estigmatizando-o. Desenvolve-se uma crença de que o suicida é alguém que não tem controle sobre a sua vida. Ao se criar o estigma, impede-se que “tudo aquilo que sua morte poderia trazer à tona se manifeste” (NETTO, 2013, p. 17).

De acordo com a OMS, muitos fatores de risco atuam concomitante de forma a aumentar a vulnerabilidade de uma pessoa para o comportamento suicida. Entre os fatores de risco são destacadas a dificuldade de acesso ao sistema de saúde, a disponibilidade dos meios utilizados para suicidar-se³ e a estigmatização de quem procura ajuda em razão do comportamento suicida ou por problemas mentais e consumo de substâncias psicoativas (OPS, 2014).

Também, o enfrentamento de conflitos, desastres, violência, abusos ou perdas e um senso de isolamento estão associados com o comportamento suicida. Outrossim, as taxas de suicídio mostram-se elevadas em grupos vulneráveis que sofrem discriminação, como refugiados e migrantes; indígenas; lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais; e pessoas privadas de liberdade (OPS, 2014).

A nível individual, os fatores de risco estão relacionados a: transtornos mentais, consumo excessivo de álcool, dores crônicas, perdas financeiras e antecedentes familiares (OPS, 2014).

Embora não haja uma explicação única acerca do motivo pelo qual as pessoas se suicidam, reconhece-se que fatores sociais, psicológicos, culturais, religiosos, entre outros, podem interagir e levar uma pessoa a ter comportamento suicida (OPS, 2014).

Em seu informe, a OMS apresentou o seguinte quadro com os principais fatores de risco de suicídio (OPS, 2014, p. 31, tradução nossa):

Quadro 1 – Fatores de risco para a ocorrência de suicídio

NÍVEL	FATORES DE RISCO
SOCIEDADE / SISTÊMICOS	Acesso fácil aos meios utilizados para suicidar-se
	Divulgação nos meios de comunicação
	Estigma associado a comportamentos suicidas que dificulta a busca de ajuda

³ Segundo a OMS, a ingestão de pesticidas, o enforcamento e o uso de armas de fogo estão entre os meios mais utilizados para a prática do suicídio no âmbito mundial, apesar da ocorrência de outros métodos (OPS, 2014).

COMUNIDADE	Desastres, guerras e conflitos
	Estresse por migração ou aculturação
	Discriminação
	Traumas ou abuso
RELACIONAMENTOS	Sentido de isolamento e falta de apoio social
	Conflitos nos relacionamentos, disputas ou perdas
INDIVIDUAL	Tentativa anterior de suicídio
	Transtorno mental
	Consumo excessivo de álcool ou substâncias psicoativas
	Perda do trabalho ou problemas financeiros
	Desesperança
	Dor crônica
	Antecedentes familiares de suicídio
	Fatores genéticos ou biológicos

Fonte: OPS, 2014.

Há que se considerar que esses fatores de risco dependem do contexto e da realidade de cada pessoa e, muitas vezes, as causas estão relacionadas entre os níveis indicados. Também, a existência de fatores de risco não implica necessariamente o desenvolvimento de comportamento suicida (OPS, 2014).

Para Fukumitsu (2014, p. 271), o suicídio deve ser analisado sob a perspectiva “individual, social e cultural”, visto que é fenômeno multifatorial. No entanto, é preciso ter em mente que as razões do suicídio serão tão variadas quanto o número de pessoas que buscam essa alternativa (ANGERAMI-CAMON, 1999, apud ZANA; KOVÁCS, 2013).

De acordo com Binswanger (1958, apud ZANA; KOVÁCS, 2013, p. 898), “não se deve ligar de forma imediata o suicídio a um acontecimento em especial, é preciso compreender de que maneira possíveis motivos tornaram-se efetivos, já que cada pessoa experiencia e atribui sentido a fatos de seu ambiente de maneira particular”. Necessário se faz considerar que uma complexa rede de fatores, ainda que inconscientes, pode resultar na prática do suicídio (ZANA; KOVÁCS, 2013).

Zana e Kovács (2013) entendem que uma característica do suicídio é a intencionalidade do ato autodestrutivo, mas argumentam sobre a dificuldade de se avaliar essa intencionalidade.

Por sua vez, Cassorla (1991, apud ZANA; KOVÁCS, 2013) aponta uma ambivalência entre o desejo de viver e de morrer e que vários fatores afetam a solução desse conflito. Porém, acredita que o ato suicida envolve mais um pedido de amor e ou de socorro do que de morte.

Para o Ministério da Saúde (2006), existem três características relacionadas às pessoas sob risco de suicídio: ambivalência, impulsividade e rigidez/constricção.

A ambivalência envolve o apontado por Cassorla. A impulsividade diz respeito a eventos negativos que podem ocorrer e gerar o impulso de tirar a vida, que “pode ser transitório e durar alguns minutos ou horas”. Quanto à rigidez ou constricção, há um funcionamento do sujeito de “forma dicotômica: tudo ou nada. Os pensamentos, os sentimentos e as ações estão contritos, quer dizer, constantemente pensam sobre suicídio como única solução e não são capazes de perceber outras maneiras de sair do problema” (BRASIL, 2006, p. 52).

O Ministério da Saúde (2006, p. 52) alerta que a maioria das pessoas com ideias de morte comunica seus pensamentos e intenções suicidas e que, frequentemente, sinalizam suas intenções e “fazem comentários sobre ‘querer morrer’, ‘sentimento de não valer pra nada’, e assim por diante”. É preciso estar atento a esses pedidos de ajuda e aos sentimentos de quem fala em suicídio, e observar a chamada regra dos 4 D: depressão, desesperança, desamparo e desespero (BRASIL, 2006).

O suicídio é um acontecimento complexo. Bastos (2009), considerando a perspectiva psicossocial de Bleger (1984), discute a autodestruição por meio da análise individual, das inter-relações - que têm seu início nas relações familiares -, da instituição e da sociedade como um todo.

Bastos (2009) também discute sobre a influência dos vínculos familiares e dos grupos sociais no ato de autodestruição. Argumenta que há dois tipos básicos de família: a de vinculação funcional e a de vinculação disfuncional, que se caracterizam pela facilidade ou dificuldade que seus membros tem em se diferenciar. As famílias disfuncionais apresentam vinculações disfuncionais, se organizam de forma simbiótica e mostram dificuldades em se diferenciar enquanto pessoas distintas.

Em ambas há a existência de problemas, como ocorre em qualquer família. Mas, o que diferencia é a forma de lidar com os conflitos e os transtornos emocionais. Ademais, a questão de vínculos é importante, mas, por si só, não tem o condão de subsidiar o entendimento da questão do suicídio, diante da singularidade que envolve cada indivíduo (BASTOS, 2009).

Também, mostra-se pertinente considerar, para compreensão do processo vivido, as fantasias relacionadas à ideação ou tentativa de suicídio. Cassorla (2004, apud KOVÁCS, 2013) aponta que as mais frequentemente identificadas são: busca de outra vida; reencontro com a

pessoa querida, nos casos relacionados à viuvez; autopunição, geralmente ligadas a sentimento de culpa nas pessoas com melancolia; vingança e punição, como forma de castigar pessoas próximas; pedido de ajuda e a comunicação do que não pode ser expresso.

Na busca da compreensão do processo vivido, intenta-se neste estudo avaliar a repercussão de um dos fatores de risco apontado pela OMS, qual seja, a discriminação, especificamente a dirigida a homossexuais, na prática do ato suicida.

Teixeira-Filho e Rondini (2012) apontaram que dados de estudos feitos nos Estados Unidos demonstram uma correlação entre suicídio e orientação sexual. Borrillo (2010) relatou que pesquisas norte-americanas indicam que adolescentes gays cometem suicídio em uma proporção três vezes maior que seus pares heterossexuais.

Rodrigues (2010) apresentou o resultado de pesquisas feitas nos Estados Unidos que também indicam a existência da mencionada correlação. Segundo esses estudos, os jovens homossexuais representavam um terço de suicídios entre essa população. Gibson (1989, apud RODRIGUES, 2010) destacou o relatório apresentado pela Secretaria da Força Tarefa no qual consta que os jovens gays são duas a três vezes mais propensos a tentar o suicídio quando comparados aos jovens heterossexuais, corroborando o resultado dos estudos mencionados por Borrillo (2010). No mesmo artigo, a autora faz referência a diversos outros estudos, com conclusões semelhantes.

No Brasil, Teixeira-Filho e Rondini (2012) realizaram pesquisa com adolescentes com idade entre 12 e 20 anos, residentes em três municípios do interior paulista. Os pesquisadores buscaram conhecer as associações entre orientação sexual e ideações e tentativas de suicídio. Os dados obtidos corroboram os resultados de pesquisas internacionais, pois se verificou que os homossexuais têm mais chances de pensarem e tentarem suicídio comparativamente aos heterossexuais. No entanto, chamou a atenção o fato de que aqueles que se autodefiniram bissexuais e outros estavam entre os mais vulneráveis.

Alunos do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em parceria com o Centro de Amor à Vida (CAVIDA) de Maceió, realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar o risco de suicídio entre o público LGBT. Foram feitas entrevistas com 1.600 participantes entre os meses de agosto e novembro de 2013, dos quais 59% eram do sexo masculino e 41%, do sexo feminino, bem como se encontravam em uma faixa etária entre 12 e 60 anos, sendo considerados 72% homossexuais e 28% bissexuais. Os resultados chamaram a atenção. De acordo com o estudo, 78% dos entrevistados registraram que experimentaram a sensação de “sumir”, enquanto 49% disseram ter desejado não viver mais; 15% revelaram ter

coragem de tirar a própria vida e 10% já tiveram vontade ou até mesmo tentaram tirar a própria vida (PEREIRA, 2013).

Para Dutra (2011, p. 153), o “motivo ou motivos que levam alguém ao suicídio formam-se ao longo da sua história e se revelam nos sentidos e modos de ser que constituem a sua existência”. Dessa forma, qualquer pessoa, independente do sexo, idade, etnia, gênero, está sujeita a cometer esse ato. Para esse autor, “o suicídio significa, antes de tudo, sofrimento e desespero”. Representa a angústia do ser. Há um modo de ser que não é seu, revelado na impessoalidade cotidiana.

Viver de forma inautêntica, ou seja, incompatível “com o seu ser verdadeiro” conduz “a uma existência marcada pelo fracasso, pela baixa autoestima, irrealização e infelicidade, gerando uma total incapacidade de amar e ser amado” (DUTRA, 2000, p. 100). Isso provoca um vazio existencial, angústia, sofrimento. A vida fica sem sentido. A fim de minimizar a dor causada por esses sentimentos, alguns jovens são levados a tentar ou cometer o suicídio.

A vivência da homofobia pode ser uma das causas de um viver inautêntico e incompatível com o verdadeiro ser. A homossexualidade ainda é vista com muita estigmatização pelas instituições sociais, inclusive a família. A homofobia costuma degradar a condição do “não heterossexual”. Há uma marginalização dos sujeitos em prol de uma matriz heterossexual. Os não heterossexuais têm que conviver, de forma sistemática, com experiências de exclusão, chacota, segregações, insultos, violência, indiferença. As normas sociais de funcionamento ainda impõem a heterossexualidade como regra a ser seguida (PRADO; JUNQUEIRA, 2011).

Souza e Eugênio (2011, p. 1) relatam, com base nas considerações de Foucault (1988), que “a partir dos séculos XVIII e XIX, [...] houve uma explosão discursiva a respeito da sexualidade, proveniente de múltiplos focos como a biologia, a medicina, a psiquiatria, a psicologia e a moral”, dando início à construção de definições sobre sexualidade. Outras formas de expressão sexual passaram a ter visibilidade, além das relações monogâmicas heterossexuais.

Para Mira (2007 apud SOUZA; EUGÊNIO, 2011), o que se denominou homossexualidade surgiu no contexto histórico do século XIX. Até então, exigia-se que o homem desempenhasse comportamentos masculinos e as mulheres, femininos. Qualquer comportamento diferente dessa prática era considerado patológico. Assim, a homossexualidade foi percebida como comportamento desviante.

Nessa época, nascia a sexologia. E os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais se constituíram na referência daquilo que era

apropriado ou não, saudável ou não, bom ou mal. Decidia-se o que era normal ou patológico. Os discursos, sob a proteção do manto da ciência, eram tidos como estatutos da verdade e se “confrontavam ou combinavam com os discursos da igreja, da moral e da lei” (LOURO, 2009, p. 88).

O termo homossexualidade foi criado com a finalidade de separar a normalidade sexual da anormalidade. Nesse contexto desqualifica os que pertencem à “anormalidade” (MIRA, 2007 apud SOUZA; EUGÊNIO, 2011).

Louro (2009) chama a atenção para o fato de que a heterossexualidade depende da homossexualidade para existir. É a homossexualidade que dá sentido para a heterossexualidade, embora a primazia seja dada a esta. Os dois termos estão implicados e dependentes entre si. Ou seja, a denominação homossexualidade está intimamente ligada ao conceito de heterossexualidade.

Para Souza e Eugênio (2011), é preciso compreender que tais terminologias constituem uma polaridade, sendo consideradas contrárias, e para que um dos termos exista acaba sendo necessário que o outro seja desqualificado. Dessa forma, “paradoxalmente, esses sujeitos ‘marginalizados’ continuam necessários, pois são precisamente eles que servem para circunscrever os contornos daqueles tidos como ‘normais’” (LOURO, 2009, p. 92).

A heterossexualidade é tida como padrão para avaliar todas as outras sexualidades. Como qualidade normativa e dentro de uma hierarquia de sexualidades, ocuparia um lugar de posição superior. Assim sendo, todas as outras formas de sexualidade são consideradas, “na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização” (BORRILLO, 2010, p. 31).

Parte da resistência à ampliação do conceito de sexualidade provém de movimentos religiosos, os quais defendem que o ato sexual é sinônimo de procriação e somente deve ocorrer depois do casamento. Qualquer possibilidade de prazer relacionado à sexualidade é excluída. Apesar de discussões sobre o Estado laico, a religião ainda representa significativamente o modo de pensar da sociedade (SOUZA; EUGÊNIO, 2011).

Aqueles que não se adequam aos ideais da heteronormatividade convivem com a exclusão e discriminação, nomeada de homofobia. Essa vivência tende a marcar profundamente a subjetividade dessas pessoas, principalmente no que se refere à percepção de si (TOLEDO; PINAFI, 2012).

Sobre o termo homofobia, Pocahey (2007) defende que fobia diz respeito a uma reação de angústia e medo relacionados a objetos diversos como pessoas, coisas, animais, situações, de forma que a reação a este medo, geralmente é paralisante, tem caráter de evitação. Considera

ainda que, mesmo de forma ampla, pode-se entender homofobia como uma expressão de heterossexismo, ou seja, um modo de desqualificação dirigida ao homossexual por não corresponder ao ideal de sexualidade.

Os efeitos de um ato de homofobia vão além da dor, pois determinam lugares e posições para uma vida. Um ato de homofobia é um ato de desumanização do outro, seja por meio de palavras, gestos ou condutas (POCAHY, 2007).

A homofobia representa, assim, um ato de hostilidade, até de ódio, contra os homossexuais, sejam homens ou mulheres; se constitui uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal, visto que se fundamenta em lógica de inferiorização (BORRILLO, 2010).

A definição da palavra homofobia não pode se restringir ao medo da sexualidade. É preciso expandir o conceito de homofobia para também incorporar o entendimento de que se trata do medo que o homofóbico tem de uma possível homossexualidade, como se sua identidade sexual não fosse suficientemente assentada e ele incorresse no risco de ver aparecer, em si, um desejo por outras pessoas do mesmo sexo (SMIGAY, 2002). O ato preconceituoso impede o perpetrador de olhar para a realidade à sua volta, se mantendo em posição defensiva. Pode-se concluir que o preconceito se relaciona mais ao ofensor do que a própria vítima.

Rios (2007 apud NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009) problematiza os usos conceituais da noção de homofobia no campo das ciências humanas, apontando três vertentes distintas: psicológica, sociológica e jurídica. A psicológica focaliza percepções negativas de indivíduos e grupos de pessoas LGBT. Nesse caso, a rejeição à homossexualidade seria oriunda de conflitos internos, podendo materializar-se sob a forma de atos de violência. A abordagem sociológica centra nas relações entre grupos, disputas políticas e processos de categorização dos sujeitos a partir de estereótipos e discute sobre a distribuição de privilégios sociais e produção de estigmas sociais. Por sua vez, a vertente jurídica percebe a exclusão por orientação sexual como violação dos direitos humanos, direitos esses estabelecidos na Carta Magna brasileira e em acordos internacionais.

Borrillo (2001, apud TOLEDO; PINAFI, 2012) considera a homofobia em um sentido mais amplo englobando sua dimensão pessoal de natureza afetiva, qual seja a recusa fóbica aos homossexuais e sua dimensão cultural, expressa como a não aceitação da homossexualidade enquanto fenômeno psicológico e social.

Conforme Toledo e Pinafi (2012), a homofobia decorre da organização heteronormativa da sociedade e aqueles que não se conformam às normas impostas sofrem algum tipo de

estigma, sendo denominados como doente, anormal, devasso, insano, pecador, estranho, dentre outros. Geralmente esses indivíduos também são constrangidos e podem ser humilhados de forma sutil ou explícita devido a sua diferença.

Eribon (2008) salienta que a sociedade presencia e vivencia muitas mudanças, transformações, mas, sobre a sexualidade, é perturbador ainda reconhecer nas experiências contemporâneas processos de sujeição a uma ordem sexual que se mantém ao longo de décadas. Muitas resistências são opostas à homossexualidade ou a outras sexualidades como expressão do ser.

Apesar disso, por outro lado, há uma mobilização homossexual que acaba por provocar questionamentos sobre a ordem instituída, sexual e social, mas também epistemológica, do mundo contemporâneo. Esse movimento acaba por gerar uma maior visibilidade do fenômeno (ERIBON, 2008).

No entanto, essa visibilidade ainda não impede o homossexual de ouvir a qualquer momento da sua vida uma injúria, como: “viado nojento (‘sapata nojenta’)”, constituindo isso em sua “vulnerabilidade psicológica e social”. A injúria representa “agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que inscrevem na memória e no corpo”. Esse constrangimento tem como consequência “moldar a relação com os outros no mundo” atingindo a subjetividade e o jeito de ser de um indivíduo (ERIBON, 2008, p. 27-28).

A injúria, o insulto, acabam por significar um veredito, uma condenação. Produz efeitos de inferiorização. O sujeito é estigmatizado pelos olhares e discursos do outro. Transforma-se em objeto do discurso do outro (ERIBON, 2008).

O autor também ressalta que o insulto é uma experiência comum na vida de homossexuais, que convivem com um permanente “assédio social” na vida diária. Também, tem-se que a fofoca, a insinuação, palavras maldosas, boatos ou brincadeiras, constituem formas atenuadas na injúria. Ressalte-se que a injúria é ainda reforçada pela imagem, pela caricatura. Há uma proliferação de imagens que desvalorizam os homossexuais - formas caricaturadas que exprimem inferioridade e fazem os outros rirem. Geralmente, eles são apresentados com traços ridículos ou depreciativos, sendo reduzidos ao discurso dominante (ERIBON, 2008).

Embora nem todo homossexual tenha vivenciado a experiência concreta da injúria, para uma ameaça social. A injúria é uma forma de reforçar a norma heterossexual, pois formula um interdito àquele que é estigmatizado pela linguagem. Desde muito jovem, os homossexuais sabem “que eles são aqueles seres ‘anormais’ designados pelas palavras de ódio” (ERIBON, 2008, p. 83).

Os efeitos do insulto operam mesmo quando a injúria não está presente, pois o medo de ser desacreditado age inconscientemente no indivíduo. Um dos efeitos mais fortes seria o da homofobia interiorizada – que se configura como o ódio de si mesmo. Nesse processo, identificar-se como homossexual é foco de muitas contradições internas, haja vista as dificuldades de ser o que se é (ERIBON, 2008).

O “efeito da injúria se perpetua e se reproduz sem cessar, com as feridas que ela provoca e as submissões e as revoltas que se seguem”, levando ao individualismo, ao isolamento (ERIBON, 2008, p. 93). A pessoa se afasta daqueles que são designados pela injúria.

Uma forma de resistência contra a injúria é a visibilidade coletiva, pois há possibilidade de oferecer à sociedade modelos diferentes “nem que seja contornando ou contestando os ‘retratos’ produzidos pelos porta-vozes da norma social e sexual ou privando-os de sua carga degradante” (ERIBON, 2008, p. 95).

Para o autor, a visibilidade não impede a opressão, nem os processos sujeitadores da norma, mas desativa, em parte, a carga de violência social que acompanha o insulto e, de certa forma, minimiza sua eficácia.

Todo esse contexto contribui para a existência de uma melancolia homossexual, que procederia daquilo que os homossexuais perdem em relação aos modos de vida heterossexuais. Esta melancolia está ligada a questões como a perda dos laços familiares, o sonho de formar a própria família, por exemplo (ERIBON, 2008).

Schulman (2010, p. 72) chama a atenção para as estratégias adotadas que mantêm as estruturas homofóbicas de opressão. Uma delas é utilizar falsas acusações a fim de manter o caráter de inferiorização das pessoas homossexuais. Essas acusações se tratam de “declarações imprecisas e enganosas” que reforçam um estigma imerecido, tais como: a homossexualidade é errada ou é inferior à heterossexualidade; os homossexuais são perigosos para as crianças.

O preço disso para os homossexuais é ter que provar a todo tempo sua inocência. Refutar algo que não tem justificativa chega a ser desumanizante. O ônus da prova passa a ser da vítima e não do perpetrador da homofobia (SCHULMAN, 2010).

Outra estratégia que reforça a homofobia é a evitação, praticada por grupos religiosos, por familiares, pelas convenções sociais, ao negarem reconhecimento às experiências dos homossexuais. Schulman (2010, p. 74) diz que a “Evitação é quando as pessoas são cortadas, excluídas de participarem em conversações, comunidades, estruturas sociais”. O direito à voz é negado.

A evitação é um ato homofóbico fácil de ser praticado. Há uma naturalização da exclusão, cujo ato não exige muito esforço, mas seus efeitos dramáticos são sentidos no dia a dia (SCHULMAN, 2010).

Castañeda (1999 apud NASCIMENTO, 2010) observa que a desvalorização sofrida, sentida, pelos homossexuais já os deixam em desvantagem no projeto de vida quando comparados com os heterossexuais. Viver com a imagem desvalorizada, por não estar em conformidade com as normas estabelecidas, pode ocasionar conflito existencial e, portanto, culpa e frustração.

Essa situação leva alguns homossexuais a internalizam uma série de mensagens negativas acerca da sua orientação sexual, dando início a um processo psicológico de autorrotulação, o qual pode ser compreendido como homofobia internalizada e que acaba por gerar danos, pois não permite nenhuma abertura interpessoal das suas próprias emoções e comportamentos (PEREIRA, 2001).

Para Meyer e Dean (1998, apud PEREIRA, 2001, p. 3), homofobia internalizada pode ser definida como “canalização para o *self* do próprio homossexual de todas as atitudes de valor negativas, levando à desvalorização desse *self*, resultando em conflitos internos e pouca auto-estima”.

Ser identificado como gay traz uma sensação de vergonha para muitas pessoas, e essa tem sido a manifestação mais comum da internalização da estigmatização (MONDIMORE, 1998, apud PEREIRA, 2001).

Nas palavras de Castañeda (2007, p.111, tradução nossa), a homofobia internalizada acompanhará a pessoa por toda a sua vida. Nesse contexto, “[...] a homofobia torna-se aparentemente ‘natural’: torna-se um valor implícito, que gera reações imediatas, automáticas e, aparentemente, instintivas [...]”. Isso pode levar a pessoa a rejeitar os seus próprios desejos, influenciando suas relações consigo mesma, com os outros, com o trabalho, saúde física, etc.

Os homossexuais interiorizam a violência homofóbica, reprimindo-a ou deslocando-a aos outros ou a si mesmos, podendo desencadear quadros depressivos ou atitudes autodestrutivas (TOLEDO; PINAFI, 2012).

Não é fácil se esquivar dos valores interiores surgidos, construídos, no convívio com a superioridade heterossexual. Crescer e viver em um ambiente hostil, cuja violência pode ocorrer “sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas”, contribui para o desenvolvimento de um “sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão” (BORRILLO, 2010, p. 101).

Meyer e Dean (1998, apud BORRILLO, 2010) apontam que a *American Psychiatric Association* admite que o preconceito individual e a intolerância da sociedade são fatores que podem provocar a homofobia internalizada (ou interiorizada).

Segundo Madureira e Branco (2007, apud ALEXANDRE; LIMA; GALVÃO, 2014), até aqueles que não vivenciaram preconceito acerca da sua orientação sexual temem ser vítimas das atitudes hostis, levando-os a omitirem essa informação com parte dos amigos e da família.

Alexandre, Lima e Galvão (2014, p. 138) trazem que a “ideia de internalização do preconceito surge a partir da década de 1970 e ganha força na década de 1980, com a criação do conceito ‘homofobia internalizada’ por Malyon”. De forma suscita, pode-se compreender a internalização do preconceito como se reconhecer inferior e com sentimentos de vergonha em face da homossexualidade.

De acordo com Madureira e Branco (2007, apud ALEXANDRE; LIMA; GALVÃO, 2014, p. 138), “a homofobia internalizada desestrutura subjetivamente os sujeitos, pois há o deslocamento da violência simbólica do campo intersubjetivo para a dimensão subjetiva, acarretando sérias consequências em suas vidas”⁴, como o sofrimento psíquico. A homofobia internalizada “pode implicar em uma dissociação entre os desejos, as fantasias e as relações afetivo sexuais homoeróticas vivenciadas e outras dimensões importantes de si mesmo (a)”.

Desde criança o homossexual é exposto à homofobia que se manifesta tanto em piadas, como em diversos comentários oriundos da cultura popular, filmes, escolas, etc. As pessoas são ensinadas que a homossexualidade é pecado e um comportamento ou uma escolha moralmente reprovável (CASTAÑEDA, 2007). Maylon (1982) e Pecheny (2004) (apud NUNAN; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2010) entendem que, mesmo antes de o sujeito se dar conta da sua sexualidade, ele já terá aprendido sobre os perigos da homossexualidade.

Castañeda (2007) ressalta que é preciso se questionar sobre o que acontece com a pessoa que é exposta a essa situação desde a infância. Assim como outros ensinamentos e valores que fazem parte da educação, há uma internalização das ideias homofóbicas.

Muitos homossexuais acabam por reprimir seus desejos e sentimentos homoeróticos, que podem lhes parecer perversos e sujos. A sociedade lhes ensina que eles são promíscuos, imaturos e instáveis. Tudo isso pode ocasionar consequências graves. A repressão constante de determinadas emoções pode repercutir no relacionamento com as demais pessoas e consigo

⁴ Para os autores, o campo intersubjetivo e o subjetivo referem-se, respectivamente, à homofobia social e à violência contra si mesmo.

mesmo, na satisfação sexual, na saúde física, entre outros. Uma pessoa que leva sua vida reprimindo seus desejos, suas necessidades, suas emoções, pode desenvolver condutas autodestrutivas. Uma emoção muito presente é a raiva de si mesmo, que muitas vezes também é reprimida. Há que se considerar, ainda, que os homossexuais são objeto de vários tipos de agressões, visto que vivem em uma sociedade que não aceita sua maneira de ser (CASTAÑEDA, 2007).

Essa autora entende que é importante tomar consciência dessa raiva, das emoções e fantasias reprimidas e canalizá-las de forma apropriada. Caso contrário, as necessidades, constantemente bloqueadas, sufocadas, podem atuar como substância tóxica para o funcionamento mental, emocional e físico.

Chauí (1991) argumenta que a repressão sexual diz quais são os comportamentos certos ou errados em determinada época e cultura. As regras impostas são exteriores aos indivíduos e são incorporadas por meio de processos sociais. Tais regras acabam sendo internalizadas e, quando transgredidas, passam a ser elementos internos do indivíduo, transformando-se em sofrimento e culpa.

Destaca, também, que a sociedade conseguiu “[...] transformar as diferenças anatômicas entre homens e mulheres em papéis e em tipos sociais e sexuais, criando uma verdadeira zoologia-sociologia sexual”. E fazer “da diferença e multiplicidade sexuais um tormento, um crime, uma doença e um castigo” (CHAUÍ, 1991, p. 33).

A vivência nesse contexto de violência contribui para que os homossexuais sejam afetados por depressões, hospitalizações psiquiátricas e tentativas de suicídios (BORRILLO, 2010).

Para Borrillo (2010), um momento libertador para a homossexualidade seria a manifestação pública - *coming-out* ou “sair do armário”⁵. Essa ação poderia ser uma forma de sair da clandestinidade e de ocupar os espaços sociais como forma de pôr fim à socialização heterossexista.

Nunan, Jablonski e Féres-Carneiro (2010) discutem resultados de pesquisas que concluíram que a assunção da homossexualidade está intimamente relacionada com a diminuição do preconceito internalizado. Entendem que essa assunção provoca o debate sobre as crenças e as normas sociais – as instituições sociais são questionadas acerca do preconceito.

No entanto, Castañeda (2007) alerta que, embora o armário sirva para o homossexual “se esconder”, também serve para a sociedade ocultar o que ela não quer ver. E, por mais

⁵ De forma geral, *coming-out* seria a experiência de assumir sua orientação sexual.

assumido que o homossexual seja, nada pode assegurar que ele está definitivamente fora do armário, pois vive-se em um mundo heterossexual.

2.1 Homofobia familiar

Nunan (2010) entende que as famílias contribuem para a manutenção do estigma sobre os homossexuais. A homofobia familiar tem permanecido no armário, dada a sua ocorrência no plano privado (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Na pós-modernidade há uma redefinição dos papéis sociais do masculino e feminino. No entanto, apesar de a família tradicional dar lugar a uma família moderna, com múltiplas configurações, há aspectos em sua estrutura que resistem às transformações. Nesse sentido, a família pode ser vista como espaço privado no qual sistema de valores e crenças são internalizados. Preconceitos, papéis, são transmitidos, afirmados, construídos ou reconstruídos, geração após geração (SANTOS; BROCHADO JÚNIOR; MOSCHETA, 2007).

A família muitas vezes tem dificuldades de aceitar o filho (ou filha) homossexual por não atender ao ideal heterossexual hegemônico imposto pela sociedade. Essa não aceitação favorece o surgimento do preconceito, reforçando o estigma social (SANTOS; BROCHADO JÚNIOR; MOSCHETA, 2007).

Surgem nessas famílias comportamentos de rejeição ou de culpabilização. Muitas se questionam: por que isso aconteceu comigo? Onde eu errei? Há um engessamento na forma como lidam com a homossexualidade dos filhos. Instala-se um juízo moral no âmbito familiar ao invés de buscas de alternativas para lidar com a situação. A falta de acolhimento familiar do seu modo de ser pode gerar, no homossexual, problemas de ajustamento e de autoestima, pois reforça a discriminação sofrida em outros ambientes sociais, tais como trabalho, escola, lazer, etc. (SANTOS; BROCHADO JÚNIOR; MOSCHETA, 2007).

Schulman (2010) diz que, apesar do crescimento da visibilidade gay ou lésbica nos Estados Unidos, as pessoas homossexuais ainda são alvo de aviltamento e que essa experiência geralmente se inicia no ambiente familiar. Existem duas experiências marcantes vivenciadas pelos homossexuais: uma é a de ‘assumir-se’, cuja expectativa social e busca de adequação em nada se comparam à vida heterossexual. A outra é que, em algum momento da vida, os homossexuais foram inferiorizados por seus familiares.

Segundo Schulman (2010, p. 70), via de regra, as famílias apenas toleram os homossexuais, os quais são punidos, mesmo que nada tenham feito de errado⁶. As punições variam “desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida do gay, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa”. A autora ressalta, no entanto, que, caso a pessoa tenha uma boa rede de apoio ou que alguém da família ou da comunidade intervenha a seu favor, a homofobia familiar pode ser superável.

A estrutura familiar é um ambiente privado, onde predomina a intocabilidade. Os assuntos familiares são intocáveis e ninguém alheio a essa estrutura intervém. Há uma invisibilização dos efeitos negativos causados pela recusa e pelo silêncio. Percebe-se, assim, uma “relação dialógica de opressão” – a sociedade não interfere nesse ambiente, nem a família na sociedade. Dessa forma, família e sociedade mantêm “estruturas idênticas de exclusão e inferiorização” (SCHULMAN, 2010, p. 76).

Toledo e Teixeira-Filho (2013, p. 381) ressaltam o apontado por Singly (2000) acerca da necessidade do ser humano de aceitação e reconhecimento por parte da família. Mesmo nas sociedades contemporâneas, o vínculo idealizado como estruturador da família é um vínculo afetivo de amor. Assim é que a família continua sendo uma instituição de muita valia para a sociedade e para seus membros.

Diante das normas da heterossexualidade, as famílias agem no sentido de seus membros atuarem de acordo com as performances de gênero correspondentes ao seu sexo biológico. As famílias, mesmo que de forma inconsciente, buscam enaltecer as experiências de vida que valorizam a heterossexualidade e desmerecer os modos de existência relacionados à dissidência sexual e/ou de gênero. Há um controle e uma vigilância constante no modo de funcionamento familiar, bem como uma reiteração da heteronormatividade (TOLEDO; TEIXEIRA-FILHO, 2013).

Sanders (1994) discute sobre os efeitos da manutenção do segredo acerca da orientação sexual de algum membro da família, a fim de atender às expectativas sociais e familiares. As famílias, via de regra, criam seus filhos com base em um modelo heterossexual. Todas as projeções acerca do plano de vida dos filhos seguem esse projeto. Quando os valores dos filhos divergem dessa norma heterossexual, muitos preferem manter o segredo de não corresponder

⁶ Cabe mencionar o conceito de homofobia liberal apresentado por Borrillo (2010). Nesse caso, os liberais entendem a homossexualidade como uma escolha individual, razão pela qual deve-se ter tolerância com os homossexuais. Mas, também entendem que somente a heterossexualidade deve ser reconhecida pela sociedade.

às expectativas dos pais. O segredo impõe restrições àqueles que não se encaixam no modelo pré-determinado pela família.

O efeito da manutenção do segredo pode trazer consequências nocivas ao homossexual, como o suicídio. Não se trata de um segredo de um fato ou acontecimento, “mas é o acobertamento da *essência* de uma pessoa, daquilo que convida esta pessoa a juntar-se à raça humana – a necessidade de afiliar-se, embora com pessoas do mesmo sexo” (SANDERS, 1994, p. 242, itálico do original).

Castañeda (2007) argumenta que uma decisão difícil para todo homossexual é decidir se conta ou não para seus pais e familiares a sua orientação sexual. A autora entende que seria muito pedir aos pais que aceitassem incondicionalmente a homossexualidade do filho. Na maioria dos casos não há uma aceitação plena. A família nunca convida o companheiro do filho para as reuniões familiares ou ignoram a relação conjugal, por exemplo.

Esse comportamento da família representa uma negação dos sentimentos dos filhos homossexuais, das suas necessidades afetivas, das suas amizades. O homossexual acaba por, implicitamente, ficar proibido de falar sobre seus relacionamentos. Por certo, essa atitude familiar invalida e infantiliza a experiência homossexual. É como se ele não pudesse ter gostos, projetos ou uma maneira de pensar e de ter vida própria (CASTAÑEDA, 2007).

Castañeda (2007) defende que, se o homossexual estiver emocionalmente muito ligado à sua família, será insuportável para ele a não aceitação dos seus pais. Assim, seguirá buscando incessantemente uma aprovação que talvez nunca consiga.

2.2 Homofobia e religião

Pereira (2009, apud ALEXANDRE; LIMA; GALVÃO, 2014), em uma revisão da literatura, destaca que é nos contextos religiosos que se verificam mais atitudes homofóbicas, cujos atos são fundamentados em textos bíblicos.

Para Natividade e Oliveira (2009, p. 155), os discursos religiosos têm sido uma obstrução ao reconhecimento e à construção da cidadania de pessoas LGBT. Os discursos analisados por esses autores afirmam “a superioridade moral da heterossexualidade” por meio de divulgação de estereótipos acerca de pessoas LGBT. Percebe-se que o fundamentalismo religioso acaba por incentivar práticas homofóbicas.

O fundamentalismo religioso relaciona-se com práticas utilizadas para “justificar atitudes religiosas fanáticas, um retorno à sociedade pré-moderna ou mesmo práticas violentas” (PANASIEWICZ, 2008, p. 1). Para Boff (2002), o fundamentalismo diz respeito ao caráter

absoluto do ponto de vista de determinada doutrina. Nessa perspectiva, o modo de apreender a verdade é absoluto – somente se chega a ela seguindo e guardando a letra da doutrina. Não há outra forma de compreensão da verdade, o que acaba por gerar intolerância e menosprezo pelo saber do outro.

Natividade (2013, p. 35) aponta que, atualmente, a religião está com uma marcante presença no espaço público, bem como existem discursos religiosos que excluem a diversidade sexual e outros que a incorporam no seu quadro doutrinário, “como os afro-brasileiros e segmentos minoritários do protestantismo”.

No entanto, a questão que envolve identidades e práticas que não se respaldam nos padrões hegemônicos da heterossexualidade causa muita tensão, sobressaindo-se as posturas de rejeição (NATIVIDADE, 2011, apud NATIVIDADE, 2013).

Uma controvérsia recente envolveu a discussão da criminalização da homofobia (Projeto de Lei da Câmara – PLC nº 122/2006⁷). A tramitação desse projeto suscitou inúmeras manifestações religiosas por intermédios de reportagens, debates, artigos de opinião, panfletagem. “Alguns sites religiosos publicavam convocatórias para que os internautas reagissem à tramitação do projeto por meio de orações, jejuns, vigílias, passeatas, envio de e-mails a parlamentares, abaixo-assinados” (NATIVIDADE, 2013, p. 40).

Lideranças religiosas destacaram “que o castigo de Deus que sobreveio sobre a cidade de Sodoma, poderia recair sobre o Brasil, se os cristãos não se levantassem para deter a cidadania LGBT”. Além disso, tanto na mídia televisiva como em sites evangélicos, por exemplo, o homossexual foi tratado “como um indivíduo perigoso, cuja sexualidade descontrolada ameaçava a coletividade, devendo ser objeto de controle e reparação” (NATIVIDADE, 2013, p. 40).

Verifica-se também a presença da homofobia religiosa na disseminação da cura da homossexualidade. Natividade e Oliveira (2013, p. 81) definem homofobia religiosa “como um conjunto [...] de práticas e discursos baseados em valores religiosos que opera por meio de táticas plurais e polimorfos de desqualificação e controle da diversidade sexual”, que se baseia em “princípios cosmológicos, argumentos reológicos/doutrinários e interpretações conservadoras do texto bíblico”.

Nessa perspectiva, são divulgados discursos sobre a prevenção da homossexualidade, nos quais são realçadas as supostas ‘causas’ dessa orientação sexual como sendo as famílias

⁷ Lamentavelmente, o Senado Federal arquivou esse PLC, de acordo com as regras do seu Regimento Interno, que determina que ao final da legislatura sejam arquivadas todas as proposições em tramitação.

desestruturadas, ausência de firmes modelos de gênero na família, abuso sexual, dentre outras (NATIVIDADE, 2013).

A homofobia religiosa atua no sentido de intensificar os discursos e as práticas do preceito heterossexual. Aquilo que diverge da norma hegemônica é visto como indesejável, produzindo estigmas e estereótipos que afetam os homossexuais (NATIVIDADE, 2013).

No entanto, conforme Natividade e Oliveira (2009, p. 139, *italico do original*), há que se ressaltar “o surgimento de interpretações teológicas que questionam a concepção do *homossexualismo* como pecado”. Esse movimento é visto, sobretudo, nas chamadas igrejas inclusivas, nas quais inexistente regulação sobre a orientação sexual dos seus membros. Nas igrejas inclusivas são fornecidas “interpretações históricas e hermenêuticas alternativas, que questionam os juízos morais conservadores sobre relações entre pessoas do mesmo sexo”.

Os grupos inclusivos defendem que “o texto bíblico não exige nenhuma mudança de orientação sexual, nem a abstenção de relações sexuais” e que “Deus aceita os homossexuais como eles são”. Essa aceitação promove a melhora da autoestima e fornece “subsídio para que gays e lésbicas possam efetuar a passagem entre uma percepção negativa de si à identidade de um gay evangélico” (NATIVIDADE, 2008, apud NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 140).

2.3 O suicídio na perspectiva da Gestalt-terapia

A Gestalt-terapia busca compreender o ser humano com suas dificuldades, conflitos, vivências. Para tanto, utiliza um referencial fenomenológico-existencial, afastando-se das explicações causais e estruturais (CANEDO, 1997). Para a Gestalt-terapia, o homem é o centro, razão pela qual o ponto de partida na psicoterapia é o ser humano e não a teoria. Ao direcionar o olhar primeiramente para o indivíduo, busca-se valorizar a sua essência, suas particularidades e subjetividades (VIEGAS, 2011).

O homem se desenvolve e se constitui na relação com seu semelhante e com o meio exterior. Cada dia é uma possibilidade de construir sua existência, por meio de suas escolhas. Como ser singular, atribui, de maneira única, diferentes significados às suas experiências (VIEGAS, 2011).

Nesse sentido, muitas são as explicações e respostas que envolvem a escolha entre viver e morrer, bem como a compreensão de como a homofobia internalizada se apresenta à consciência daquele que a experiencia, resultando, para alguns, como última saída, o suicídio.

Para Fukumitsu e Scavacini (2013, p. 199), “Trabalhar com o tema do suicídio inclui lidar com questões existenciais, tais como: falta de sentido, solidão, tédio, medo, sofrimento,

agonia e ajustamentos criativos disfuncionais etc.”. Também, é imprescindível fazer uma reflexão das possibilidades de funcionamento saudável a fim de que a pessoa “possa encontrar o sentido e a força necessários para mantê-la viva”.

O funcionamento saudável envolve a integração, de forma harmônica, de todos os aspectos do self. O self na Gestalt-terapia diz respeito ao sistema de contatos no campo organismo-meio. É o sistema complexo de contatos necessários ao ajustamento do indivíduo no seu viver, bem como o processo de figura-fundo em situações de contato (PAULA, 2014).

O ciclo de contato, conceito oriundo da Teoria Organísmica de Kurt Goldstein, compreende o homem como um organismo que se inter-relaciona com o meio ambiente via processo de homeostase, o qual consiste em um mecanismo de autorregulação. As trocas - os contatos - realizadas com o ambiente possibilitam a manutenção do equilíbrio físico, psíquico e social do indivíduo. O homem possui em si um potencial para autorrealização, que se constitui em uma tendência criativa do ser humano (CANEDO, 1997).

Frazão e Fukumitsu (2014) afirmam que necessidades diversas surgem concomitantemente na vida das pessoas, cabendo-lhes identificar a que melhor atenda sua satisfação, segundo suas prioridades e possibilidades. Por meio de um processo chamado de ajustamento criativo é possível adequar as necessidades às possibilidades disponíveis no meio ambiente.

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997, apud FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014, p. 10), “Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente. Resposta consciente (*aware*) no campo. É o agente de crescimento no campo”.

O conceito de contato na GT permite ao terapeuta compreender as figuras - necessidades, ausências, sentimentos, ideias, expressões corporais - que mobilizam o indivíduo, sabendo que figura e fundo juntos formam um todo e são o mundo existencial do sujeito (CANEDO, 1997).

“O fundo é construído a partir da relação do sujeito com o mundo familiar, social, político... Ele é singular e encontra-se em processo de constante transformação” (CANEDO, 1997, p. 64).

Conforme Nunes e Holanda (2008), nem sempre a autorregulação ocorre em todas as situações, fazendo-se necessário que a pessoa faça algo mais, chamado de ajustamento criativo.

Para Aguiar (2005, SILVA; ALENCAR, 2011, p. 352-353) “os ajustamentos criativos podem ser entendidos então como expressão, a cada momento, da melhor forma possível desse indivíduo autorregular-se no contato com o mundo”.

Mattos (apud NUNES; HOLANDA, 2008) define ajustamento criativo como uma forma criativa de o indivíduo estar no mundo. É um processo de adaptação, um acordo, que, de forma ativa, busca o equilíbrio.

Cada pessoa é única singular e o seu processo de autorregulação é a sua melhor forma de estar no mundo, em determinado momento. Muitas vezes, um ajustamento criativo, visto fora do contexto, pode parecer inadequado, inoportuno, incipiente. No entanto, para aquele indivíduo foi a melhor forma de lidar com a situação, considerando os recursos pessoais disponíveis. As formas de ele se relacionar com o meio (o jeito de falar, de resolver, de pensar, de criar ou não soluções, seus comportamentos, etc.) são suas buscas de equilíbrio em virtude das situações que lhe causam desequilíbrio (NUNES; HOLANDA, 2008).

Para a Gestalt-terapia, não há julgamento dos comportamentos, ou qualquer avaliação se são adequados ou não. Se a pessoa vivencia um conflito, cabe à psicoterapia apoiar o cliente no desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o fluxo da *gestalten* interrompido.

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997 apud FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013), o objetivo da psicoterapia não é acabar com o conflito, mas, na perspectiva gestáltica, promover uma reflexão que possa significar crescimento. Porém, há que se considerar que todo conflito leva a uma mudança, e que essa mudança por ser o suicídio, diante da crise vivenciada.

Nesse sentido, a terapia deve atuar com vistas à ampliação da *awareness* para que o cliente possa confiar na capacidade de se autorregular, bem como avaliar aquilo que afeta o seu viver e o leva “a escolher o suicídio como solução e buscar ampliar a *awareness* de suas emoções, dos pensamentos ambivalentes e/ou rígidos e das ações desse indivíduo em direção à satisfação das necessidades dele, que são, muitas vezes, impulsivas” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 199).

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997, apud FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 200) afirmam que a relutância em se arriscar é o medo de perder algo, de não ter nada. Assim, prefere-se “comida de qualidade inferior a nenhuma comida”; habitua-se “à escassez e à fome”. Mas, para que haja mudança, é preciso que o sujeito saia da zona de conforto. E, via de regra, aquele que pensa em suicídio mantém uma rigidez de pensamento ou um pensamento dicotomizado (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

Importante destacar que contato e *awareness* são conceitos interligados. É preciso haver contato para que uma figura se diferencie do fundo, bem como a fim de que haja mudanças na forma de a pessoa experienciar a vida. É no contato que podem ocorrer, ao longo da vida, os processos de crescimento e desenvolvimento humanos (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014), pois

na existência do ser humano há um “fluxo contínuo de transformação e crescimento, dado a partir do contato no campo organismo/ambiente” (ALVIM, 2014, p. 13).

Para Alvim (2014, p. 13), “a noção de *awareness* é central no corpo conceitual e no método psicoterápico da Gestalt-terapia”. Embora a tradução literal do termo do inglês para o português signifique “consciência”, a acepção *awareness*, no vocabulário da Gestalt-terapia, pode ser sintetizada “como saber da experiência”.

Frazão (1995, p. 146) traz que “*awareness* é a apreensão, com todas as possibilidades de nossos sentidos, da ocorrência do mundo dos fenômenos dentro e fora de nós” que se dá no aqui-e-agora, pois mesmo as memórias do passado acontecem no presente. Para que ocorra *awareness* é preciso haver contato, muito embora aconteça contato sem *awareness*.

Perls e Goodman (1951, apud GRANZOTTO, 2005, p. 86, itálico do original), esclarecem que a *awareness* “caracteriza-se pelo *contato*, pelo *sentir* (sensação/percepção), pelo *excitamento* e pela *formação de gestalten*. O seu funcionamento adequado é o reino da psicologia normal; qualquer perturbação cai na categoria de psicopatologia”. Nessa perspectiva, “a saúde organísmica está diretamente relacionada com o fluxo de *awareness*, ao passo que as formas de ajustamento disfuncional têm relação com a interrupção deste fluxo”.

Também, segundo Perls, Hefferline e Goddman (1997, apud BORGES; CRUZEIRO, 2014, p. 7), a *awareness* “possibilita ao cliente dar-se conta do que se passa consigo; refere-se à capacidade de aperceber-se do que se passa dentro e fora de si mesmo, no momento presente, em nível corporal, mental e emocional”.

Quem pensa no suicídio, via de regra, possui uma *gestalt* cristalizada e fixa. “Sua percepção se apresenta distorcida e fixa e a ambivalência de querer viver e morrer se configura, tornando a relação com o mundo e com o outro empobrecida e desvitalizada” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 200).

Percebe-se também no ato do suicídio uma fragilidade na relação figura e fundo, pois não há conexão da figura com o fundo, diante da ausência de sentido da vida e da impotência em lidar com as situações adversas. Falta uma elasticidade na formação figura/fundo. Tanto a fixação, rigidez, como a repressão na formação da figura, interferem na construção de uma *gestalt* adequada (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

Para a Gestalt-terapia, a saúde “está diretamente relacionada com o fluxo de *awareness*, ao passo que as formas de ajustamento disfuncional têm relação com a interrupção deste fluxo” (GRANZOTTO, 2005, p. 86-87). Assim, o estado de saúde do cliente possibilita continuados processos de contato e ajustamentos criativos. A ausência ou fragilidade desses processos pode ser chamado de neurose.

Perls (1988, apud BIRCK, 2010) chama de neurótico o homem que se subjeta às exigências da sociedade, levando a se separar do convívio social. O neurótico deixa-se ser pressionado e moldado passivamente. Ele não satisfaz suas necessidades, por não conseguir vê-las claramente. Não sabe distinguir quais são as suas necessidades e quais são as do outro (BIRCK, 2010).

Essa forma de funcionamento pode ser decorrente de introjeção tóxica. Antony (2009, p. 360-361) apresenta introjeção como “processo primário de internalização de crenças, valores, pensamentos transmitidos pelos pais, pela cultura e outros ambientes significativos, que interferem e também contribuem na constituição da subjetividade”. A introjeção pode ser tóxica ou positiva. A positiva facilita o processo de integração do sujeito. A tóxica impede a manifestação espontânea da pessoa, contribuindo para a formação de “distúrbios emocionais e pela deformação da personalidade, a construção de um eu inautêntico e incoerente com seus impulsos originais [...]”.

A introjeção tóxica pode impedir o homem de desenvolver sua personalidade e, em casos extremos, levar à desintegração (BIRCK, 2010).

Outras formas de funcionamento ou de mecanismos de defesa também interferem na vivência do suicida, tais como: projeção, retroflexão cristalizada, proflexão, confluência. A projeção se revela na forma como a pessoa lida com o sofrimento. Para alguns, há a fantasia de que a morte é única possibilidade razoável. Transfere-se a responsabilidade pela decisão da vida para o meio ambiente. A retroflexão cristalizada se reflete na impossibilidade de lidar com o meio ambiente. Há rupturas no processo de autorregulação e a energia mobilizada pelo sujeito pode transformar-se em autoaniquilamento. Na proflexão, a morte é como uma forma de se vingar do outro - “o indivíduo deseja se vingar de outra ou quando, por meio de sua morte, ameaçar o outro para que a situação se torne como desejava” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 202)

Na confluência, há uma dissolução da fronteira de contato. O limite entre a pessoa e o meio fica encoberto. Nessa vivência, “a pessoa parece já se sentir morta em vida e morrer significaria identificar-se em totalidade com a parte já morta, ou seja, a parte passa a ser o todo, pois para destruir uma parte do sofrimento, mata-se o todo” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 202).

Há que se ressaltar que a história familiar influencia a forma de se ver e de se lidar com o mundo. Muitas vezes dita, de forma rígida e cristalizada, qual o papel de cada membro na sociedade. Dentro de uma concepção gestáltica, deve-se considerar que o sujeito faz parte de um sistema familiar e “que, por vezes, o suicídio representa somente a ponta do *iceberg* de uma

dinâmica familiar disfuncional”. Nessa perspectiva, “não é somente o indivíduo que apresenta ajustamentos criativos disfuncionais, mas, sim, provavelmente, a família também faz parte da compreensão da disfuncionalidade dos comportamentos autodestrutivos” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 202-203, *itálico do original*).

Diante desse cenário de funcionamento disfuncional, o papel do Gestalt-terapeuta, dentre as possibilidades existenciais, é o de facilitar o fortalecimento do cliente, atuando com vistas a ampliar a *awareness* para, dessa forma, enriquecer o contato, promover uma melhor “fluidez da relação entre a figura e fundo”, bem como para que os “ajustamentos criativos possam se tornar funcionais e as fronteiras, plásticas e permeáveis” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 200). Assim, o cliente, ao entrar em contato com as facilidades e dificuldades de sua vivência, poderá se conscientizar e se responsabilizar pelas suas escolhas (CANEDO, 1997).

Mais do que isso, é “necessário que o profissional tolere a falta de sentido do outro” (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013, p. 202).

Também, é preciso olhar para o acolhimento dos não heterossexuais na clínica. Castañeda (2007) entende que a orientação sexual não deve ser o enfoque da terapia. O terapeuta deve explorar com seu cliente todo o processo de construção de sua identidade, desde seus primeiros desejos até a sua concepção atual sobre a homossexualidade, conduzindo-o a, entre outras, possibilidades:

- a) examinar a maneira de estar dentro e fora do armário e o ajudar a reconhecer o seu processo de homofobia internalizada;
- b) tomar consciência de como aprendeu a negar os seus desejos e sentimentos (possivelmente, por razões legítimas, mas com um custo muito alto);
- c) desenvolver sua comunicação interna e externa (com pessoas apropriadas e em situações seguras).

A meta terapêutica não é separar a pessoa da sua homossexualidade, mas ajudar a integrá-la a uma identidade completa e não fragmentada. Trata-se de construir uma autoimagem que inclua a homossexualidade de uma maneira aceitável para cada indivíduo e não para sua família ou sociedade. A meta não é viver bem apesar da homossexualidade, mas graças a ela (CASTAÑEDA, 2007).

Para Toledo e Pinafi (2012), os terapeutas devem propiciar aos sujeitos não-heterossexuais espaço para reflexão sobre a maneira positiva de vivenciarem suas experiências, apoiando-os a reelaborarem as questões negativas relacionadas à sexualidade.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A presente pesquisa é um estudo qualitativo que discute a homofobia internalizada como fator de risco para o cometimento de suicídio, a partir de recortes do filme *Orações para Bobby* (2009) e considerando os sentidos atribuídos por Bobby a sua vivência.

O filme *Orações para Bobby*⁸ (*Prayers for Bobby*), com duração de 89 minutos, é uma produção norte-americana de 2009, na categoria biografia e drama, dirigida por Russell Mulcahy e com roteiro de Leroy F. Aarons, que escreveu um livro com o mesmo título. O livro e o filme se baseiam em fatos reais e contam a história de Mary Griffiths e seu filho Bobby.

A primeira metade do filme retratou parte da vida de Bobby, registrando como ele lidou com sua sexualidade e sua família pelo fato de ser homossexual. Diante dos conflitos experimentados, Bobby, aos vinte anos, se matou. Na segunda metade da produção, observa-se a vivência do luto pela família do Bobby, especialmente de sua mãe Mary, que busca entendimento sobre a homossexualidade.

A escolha do filme deveu-se ao fato de ele ser representativo do tema tratado nesta pesquisa e também da sua atualidade, diante das questões discutidas na introdução deste estudo. Além disso, considerou-se a dificuldade de aprovação a tempo pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB haja vista a complexidade ética que envolve a discussão dos dois temas: homofobia e suicídio.

A análise e a discussão do filme foram fundamentadas em pressupostos da abordagem fenomenológica com foco na Gestalt-terapia.

A pesquisa qualitativa facilita a busca dos aspectos da realidade do sujeito, pois há uma atenção ao individual, à compreensão do fenômeno em si (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Segundo Bauer e Aarts (2002, apud SILVA, 2013), a pesquisa qualitativa baseia-se fundamentalmente em um conjunto de materiais que podem ser textos, fotos, entrevistas, conversações, vídeos, filmes, fotografias dentre outros. Esses autores ressaltam também que um dos focos da pesquisa qualitativa é adentrar o mundo vivencial das pessoas envolvidas no objeto do estudo, obtendo dados sobre as representações que elas têm de si e do mundo que os cerca. Dessa forma, a compreensão do fenômeno deriva-se, principalmente, do ponto de vista do sujeito da pesquisa, pois o que interessa é conhecer a sua perspectiva (GODOY, 1995a).

⁸ Atores principais: Sigourney Weaver (Mary Griffith); Ryan Kelley (Bobby Griffith); Henry Czerny (Robert Griffith); Dan Butler (Reverend Whitsell); Austin Nichols (Ed Griffith); Scott Bailey (David); Carly Schroeder (Joy Griffith); Shannon Eagen (Nancy Griffith); Rebecca Louise Miller (Jeanette); Anna Badalamenti (Michelle).

Gil (2008, p. 147) registra que os elementos para elaboração da pesquisa podem ser obtidos de forma indireta, por meio do exame de documentos, tais “como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos”. O uso dessas fontes documentais é capaz de fornecer ao pesquisador dados necessários e suficientes para o estudo almejado.

Na concepção de Godoy (1995b, p. 21-22), os documentos são uma importante fonte de dados e constituem uma gama de possibilidades que incluem tanto materiais escritos, estatísticas, como elementos iconográficos, a exemplo dos filmes. A autora destaca que diários, autobiografias e, até nota de suicídio, podem ser são valiosos para o desenvolvimento de pesquisa.

Dessa forma, entende-se que o filme pode ser considerado para a realização de uma pesquisa documental e seu uso, segundo Flick (2004), tem a vantagem de possibilitar o acesso repetido, sem limites, ao conteúdo de estudo. Também, Leite e Leite (2007, p. 78) trazem que a utilização do filme, além de agilizar a obtenção dos dados necessários à pesquisa, propicia revisão dos elementos que compõem o fenômeno estudado. Ademais, a facilidade de voltar às cenas sempre que necessário pode reduzir as interferências e criar maiores possibilidades de tratamento dos dados.

Tendo elegido o filme como fonte de dados, esta pesquisa se valeu de estudo de caso de protagonistas de um filme por acreditar que essa estratégia de análise possibilita avaliar de forma mais contextual o evento estudado e suas inter-relações (GODOY, 1995b; LEITE; LEITE, 2007).

Ademais, na pesquisa fenomenológica não se busca a generalização de dados, razão pela qual o tamanho da amostra não precisa representar, de forma ampla, o universo pesquisado (GIL, 2010).

Acerca da trajetória da pesquisa fenomenológica, via de regra, ela se inicia com uma pergunta norteadora, que orienta o desenvolvimento do estudo (GIL, 2010). Neste caso, a pergunta foi: *Como a homofobia internalizada - ou a vivência em um ambiente homofóbico – pode ser um fator de risco para o cometimento de suicídio?*

Assim, a partir de um levantamento teórico sobre a homofobia, buscou-se a problematização da pergunta norteadora, tendo como material de estudo o filme *Orações para Bobby*⁹ (2009).

Há que se considerar que a descrição do mundo vivido de Bobby passa a ser o mundo existencial do pesquisador. Ou seja, a descrição do pesquisador representa a sua compreensão

⁹ Produzido somente para a TV.

acerca do objeto de estudo. Além disso, acredita-se que “uma descrição é sempre uma redução e uma interpretação, uma interpretação é sempre uma redução e uma descrição e, finalmente, uma redução é necessariamente uma descrição e uma interpretação” (GOMES, 1997, p. 328).

Sobre o método fenomenológico, seu alvo é compreender que significados o sujeito confere à situação objeto do estudo. Ou seja, investigar fenômenos subjetivos, pois entende que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta àquele que a vivenciou (QUEIROZ, 2007).

Assim, busca-se com o método fenomenológico apreender “os significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados às percepções que eles têm daquilo que está sendo investigado”, mediante “a captação da intencionalidade (da experiência intencional, vivida) revelada nos relatos” (CARDOSO, 2007, p. 51).

Importa ressaltar que a atribuição de significados já começa na forma de o pesquisador apreender o material pesquisado, sendo essa uma característica importante do método fenomenológico (CARDOSO, 2007).

De acordo com Gil (2010), a fenomenologia não se constitui em uma abordagem uniforme. O método fenomenológico na pesquisa pode ser identificado por múltiplas abordagens e variantes, a exemplo dos modelos desenvolvidos por Adrian Van Kaam (1959), Keen (1975), Colaizzi (1978), Giorgi (1985) e Hycner (1985).

Gil (2010), bem como Moreira (2004), apontam que um dos métodos mais usados é o de Giorgi que consiste em quatro etapas:

- 1) leitura da descrição, ou seja, do material de estudo da pesquisa, a fim de obter uma noção acerca do que foi dito;
- 2) definição das unidades de sentido relacionadas com o tema que interessa;
- 3) tradução das unidades de sentido com ênfase no fenômeno investigado de forma a captar a realidade psicológica;
- 4) Formulação de uma síntese, ou seja, uma “declaração consistente da estrutura do fenômeno” (QUEIROZ, 2007, p. 13).

Nesta pesquisa, para análise do filme, recorreu-se ao método de pesquisa fenomenológica elaborado por Amadeo Giorgi (1985), cujos diálogos e ocorrências foram submetidos aos seguintes procedimentos (CARDOSO, 2007):

1. Visão global: assistiu-se o filme por diversas vezes e os diálogos e ocorrências foram transcritos e lidos também repetidas vezes com o propósito de se obter uma percepção do seu sentido global, registrando-se os significados mais relevantes e os temas presentes no filme.

Buscou-se aprofundar a vivência de Bobby a fim de poder captá-la e explicitá-la conforme ele a experimentou.

2. Em seguida, procedeu ao levantamento das unidades de sentido a partir dos elementos significativos expressos no filme. Procurou-se apreender os eixos fundamentais de significado que permitissem captar a estrutura ou o elemento constituinte da vivência da homofobia.

3. Depois disso, buscou-se a interpretação dos dados: cada unidade de significado (ou de sentido) foi adequada à linguagem psicológica, buscando-se descrever a essência da vivência da homofobia e seus desdobramentos no modo de viver de Bobby.

4. Finalmente, a partir dos elementos significativos explicitados nos diálogos e nas cenas do filme, tentou-se realizar a síntese, com vistas à compreensão da estrutura revelada na vivência de Bobby.

Durante essa elaboração, uma categoria de sentido que não fez parte da vivência do Bobby chamou a atenção da pesquisadora – o luto e a compreensão da homossexualidade. Decidiu-se incluí-la no presente estudo por ela ser relevante para se discutir o processo de autorregulação sob a perspectiva da Gestalt-terapia.

Vale destacar que se considerou como cena os eventos ocorridos no mesmo cenário, envolvendo os mesmos personagens em torno de uma temática predominante.

As categorias de análise, ou categorias de sentido, elaboradas foram:

- a) A vivência da sexualidade
- b) Homofobia familiar e religiosa
- c) A internalização da homofobia e o cometimento de suicídio
- d) Em busca de confirmação
- e) Luto e compreensão da homossexualidade.

A seguir, as cenas foram agrupadas por categorias de sentido, conforme pode ser observado no quadro 2. Menciona-se que a transcrição total do filme faz parte do Apêndice A desta pesquisa.

Quadro 2 – Descrição das categorias de sentidos e respectivas cenas

CATEGORIAS	CENAS
A vivência da sexualidade	19, 21, 22, 23, 24, 27
Homofobia familiar e religiosa	1, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 27, 30, 32, 33, 40, 41, 44, 45, 48
A internalização da homofobia e o cometimento de suicídio	1, 3, 4, 6, 8, 12, 13, 14, 17, 24, 28, 29, 31, 34, 36, 48

Em busca de confirmação	14, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 33, 35, 48
Luto e compreensão da homossexualidade	35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48

Fonte: Elaboração própria

Ressalte-se que esta pesquisa não tem a pretensão de generalizar os resultados, mas, tão-somente, representar uma fração da realidade, cuja singularidade, por si só, é significativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Menciona-se que os diálogos necessários para fundamentar a discussão estão destacados em itálico.

4.1 Vivência da sexualidade

A iniciação da vida sexual ocorre, geralmente, “no período da adolescência ou no início da juventude e se configura como um contexto de experiências importantes para o processo de constituição do sujeito” em várias dimensões da sua vida familiar (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014, p. 69).

Porém, em face da vivência em ambientes homofóbicos, muitos adolescentes e jovens acabam por experienciar o preconceito e situações de violência, inclusive no âmbito familiar. (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Para Santos e Bernardes (2008), viver a homossexualidade pode ser é uma forma de a pessoa estar congruente com sua experiência íntima, embora seja desafiador diante das imposições heteronormativas da sociedade. Essas imposições fazem que a vivência da sexualidade seja mais conturbada para os homossexuais. É o que verifica no filme.

Bobby busca viver a sua sexualidade, mas ela é marcada por conflitos internos e externos em razão da homofobia internalizada e da homofobia familiar e religiosa. Ao mesmo tempo que Bobby deseja e vive a sua forma de ser, sente um pesar por não estar correspondendo aos valores familiares e religiosos.

Depreende-se que Bobby tenta inicialmente negar o seu desejo homossexual namorando uma pessoa do sexo oposto. Mas, essa escolha vai se mostrando incompatível com seus sentimentos e necessidades, o que provoca o fim do seu relacionamento (Cena 2).

Na Cena 1 do filme, já se percebe o quanto Bobby está desconfortável na família e com a namorada ao se confrontar com o seu desejo sexual. Ele chega a pedir desculpas a sua família por ser homossexual (Cena 6).

Bobby enfrenta um contínuo processo de questionamento sobre sua sexualidade (Cenas 4, 8, 12, 14, 17) e, por mais que ele consiga estar presente em ambientes nos quais possa “assumir-se” publicamente (Cenas 19, 21 a 23), não deixa de associar a homossexualidade a um pecado.

É fácil perceber nesse contexto o quanto o estigma de se descobrir homossexual traz insegurança e angústias.

4.2 Homofobia familiar e religiosa

A compreensão das relações afetivo-sexuais dos seres humanos deve considerar “o tempo, o lugar e os demais aspectos relacionais, contextuais e processuais” que lhe dizem respeito (VASCONCELOS, 2008, apud SILVA et al, 2015, p. 678).

Assim é que a apreensão de questões que envolvam a sexualidade prescinde do conhecimento dos legados, impressões, valores relacionados a determinado núcleo familiar. Depreende-se, dessa forma, que a dificuldade de a família aceitar a orientação sexual de seus membros provém de diversos tabus e construções sociais que ressaltam o valor das normas heterossexuais (SILVA et al, 2015). As famílias acabam funcionando como “dispositivo de reprodução e reiteração da norma e da repetição das formas de discriminação e violência que podem ser visualizadas em contextos mais amplos da sociedade em geral” (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014, p. 69).

Silva et al (2015) verificaram, em pesquisa realizada com homossexuais masculinos que, geralmente, os significados negativos acerca da homossexualidade estavam relacionados à religião e suas interpretações. E, concluíram, com base nos depoimentos dos participantes, que a concepção da família acerca da homossexualidade é preconceituosa e estereotipada, o que contribuía para um relacionamento familiar discriminatório.

Na Cena 1 do filme *Orações para Bobby* (3 anos antes do suicídio), observa-se Bobby e sua namorada Michelle se divertindo em uma festa da família Griffith. Nessa ocasião, Bobby ainda não havia revelado sua orientação sexual a ninguém. *A priori*, sua família via Bobby como heterossexual, haja vista os olhares aprovadores do relacionamento com Michelle.

Mas, já no desenrolar dessa cena, percebe-se a utilização de palavras estereotipadas sobre a homossexualidade por parte da mãe (Mary) e da avó de Bobby. Mary diz ao filho mais velho (Ed), que brinca de ser gay, que **aquilo é nojento**, enquanto a avó ressalta que para ela **os veados deveriam ser enfileirados e mortos** (grifo nosso). Essas palavras trazem uma condenação e revelam o preconceito dirigido ao homossexual.

Diante de uma crise existencial, Bobby revela sua homossexualidade ao irmão Ed (Cena 4). Ed, preocupado, conta o fato para sua mãe (Cena 5), que diz: *Deus pode resolver isso. Ele vai nos ajudar. Ele vai curar o Bobby*.

Após toda família tomar conhecimento da orientação sexual de Bobby, Mary passa a repetir constantemente trechos da Bíblia que, segundo a interpretação dada por sua congregação religiosa, afirmava a condição pecaminosa do homossexual, como a que consta na Cena 6: *Se o homem se deitar com outro homem, devem ser ambos mortos*.

Mary ressalta em suas falas que Deus iria curar Bobby da homossexualidade, bem como que o Satanás iria tentar desencorajá-lo desse caminho (Cenas 5, 6, 10, 17, por exemplo).

Depreende-se que a homofobia aprendida pela família de Bobby adveio, sobretudo, de suas crenças religiosas, as quais impõem regras que ditam o que é ou não pecado. E, Mary, como uma mulher religiosa, busca respeitar as normas estabelecidas por sua congregação. Há um temor que cerca sua vida, visto que o não-cumprimento dessas regras pode provocar a ira de Deus.

Mary expressa o seu sofrimento diante da sexualidade do filho. A falta de apoio à condição do Bobby reflete a homofobia introjetada na família, a exemplo do diálogo visto na Cena 18:

Bobby: - Acha que não percebi? Não quer que suas amigas me vejam?

Mary: - Algumas pessoas não entenderiam.

Bobby: - E agora é tão óbvio ou você contou a elas?

Mary: - Olha o que você está vestindo.

Bobby coloca a mão na cintura.

Mary: - Já te disse várias vezes para não fazer isso com o braço. Fica parecendo uma garota. E você continua fazendo...

Bobby: - Eu sempre me vesti assim.

Mary: - Não, não se vestia. Tem piorado. Por que faz isso? Estou tentando te ajudar.

Bobby: - Não, não está. Está tentando ajudar a si mesma. Não tem a ver comigo, tem a ver com o que as pessoas pensam de você. Imagina que eles pensam que o seu filho é uma grande bicha.

Mary: - O que há de errado com você? Pará com isso!!!

Bobby: - Lindo, mãe. Ótimo.

Percebe-se, desse diálogo, um juízo moral sobre a homossexualidade que reforça a discriminação. Mary atua no sentido de que Bobby corresponda à performance do seu sexo biológico.

Em outros diálogos, verifica-se um controle constante do comportamento de Bobby a fim de ajustá-lo à norma heteronormativa, o que se coaduna com a literatura a respeito. Bobby é chamado à ordem (por exemplo, Cenas 13 e 16).

Vê-se que a homofobia religiosa foi em dos fatores que atuaram como forma de legitimar e dar sustentação ao preconceito de Mary acerca da sexualidade do seu filho.

Em uma perspectiva gestáltica, o grupo familiar também introjeta e assimila valores e crenças. Sendo o ideal heterossexual aceito e reforçado pela sociedade (inclusive pelas

congregações religiosas), a família de Bobby (principalmente, sua mãe) não foi capaz de se autorregular a fim de captar a essência de Bobby.

Verificou-se no filme que a mãe de Bobby esforçou-se, o tempo todo, para que o filho aceitasse a condição de pecador e deixasse de ser homossexual, como visto na Cena 13:

Bobby: - Estou correndo, não estou comendo bobagens. Mas não vejo qual o sentido disso. Quero dizer meu rosto está limpo e todo o resto está bem.

Mary: - Tem que continuar nesse caminho. Gosta das pessoas do seu grupo?

Bobby: - São legais. Tem uma garota...

Mary: - Sabe, espero que esteja levando isso a sério. Falo sério. Espero que esteja tentando com todas as suas forças. Não posso te perder para isso.

Bobby: - Não vai.

Mary: - Tenha fé.

Mary, tomada pela impessoalidade do discurso religioso, invalida o jeito de ser do Bobby, provocando um rompimento no relacionamento entre eles (Cena 24).

Bobby: - Eu conheci alguém. Um cara.

Mary se levanta e chama as filhas para recolherem o lanche.

Nancy: - É para fingir que não ouvimos isso?

Joy: - Sim.

Robert: - Bobby, pode não ter sido a hora certa.

Bobby: - Eu sei, desculpem-me. Diz isso e sai da sala e vai para a cozinha onde sua mãe está.

Mary: - Você deveria se preocupar com a faculdade. Em se formar primeiro.

Bobby: - Você me ouviu?

Mary: - Eu não quero saber.

Bobby: - Eu quero que você saiba. O nome dele é David.

Mary: - Para começar e não obter não diferente é melhor nem começar.

Bobby: - Quando estou com ele, sinto-me tão bem! Ele me trata bem, é engraçado e inteligente.

Mary: - Pará. Falo sério. Não quero ouvir e você sabe.

Bobby: - Fiquei o ano passado ouvindo você e agora vai me ouvir pelo menos uma vez. Eu me sinto bem quando estou com David. Mas, se ele me toca em público ou, Deus me livre, me beija, eu o afasto. Sinto vergonha.

Mary: - Por que sabe que é errado.

Bobby: - Por que você me disse que era errado.

Mary: - Não sou eu. É a Bíblia.

Bobby: - Não é a Bíblia, é você. Por que não admite isso? Por que não admite que não suporta aquilo que sou?

Mary: - Aquilo que se tornou.

Bobby: - Aquilo que sou. Lamento! Não sou o Bobby perfeito que sempre desejou. E não posso continuar a pedir desculpas por isso. Mãe, me aceite do jeito que sou ou me esqueça.

Mary: - Não vou ter um filho gay.

Bobby: - Então, mãe, você não tem um filho.

Mary: - Adeus.

Ainda na compreensão de Mary sobre a homossexualidade, ela lê textos a respeito da cura desse possível transtorno (Cena 7) e busca tratamento para o seu filho. A família participa de sessões terapêuticas com o objetivo de “reverter” a condição sexual de Bobby (Cena 8).

Por fim, no funeral de Bobby (Cena 32), a família permitiu que o pastor fizesse um discurso que censurava Bobby por suas atitudes, deixando transparecer a condenação ao homossexual. A impessoalidade, sob a égide do discurso religioso, faz com que a família nada questione, legitimando, ainda que de forma inconsciente, o preconceito e a discriminação.

Cena 32:

A morte de uma pessoa amada é sempre trágica. Mas, a morte de um jovem pode ser particularmente dolorosa por que aquela pessoa tinha a vida toda pela frente. E Bobby tinha 20 anos. Nunca saberemos quem ele poderia ter se tornado ou o que poderia ter alcançado.

Bobby era um bom jovem, mas estava perdido. Deixando-se cair na tentação, ele escorregou. Então, desiludido, escolheu acabar com sua própria vida. Apesar de sabermos que devemos condenar o pecado e não o pecador, foi a este pecado que Bobby sucumbiu. Isso o conduziu a infelicidade e o conduziu a acabar com sua própria vida. Tal como a bondade alimenta a bondade, também o pecado alimenta o pecado.

Sabe-se que a religião é uma forma de estar no mundo. No entanto, isso não quer dizer que se tenha que viver de forma impessoal. Nesse sentido, um religioso do filme, o Reverendo Whitsell, chama a atenção de Mary para uma outra leitura da Bíblia (Cena 42).

Mary: - Então, e quanto à Sodoma e Gomorra?

Reverendo: - Muitos estudiosos acreditam que o pecado foi a ganância e não a homossexualidade. E só foi rotulado assim, como homossexualidade, muitos anos depois de ter sido escrito.

Mary: - Suas respostas para tudo são apenas para justificar ser dessa maneira.

Reverendo: - Suas respostas são para justificar que é errado. Acho que estamos em um impasse.

Mary: - Então, acha que está certo interpretar a Bíblia da forma que quiser?

Reverendo: - Não, claro que não. Mas, a Bíblia foi escrita e interpretada por homens. E muitas dessas interpretações foram reflexos do tempo em que viviam.

Mary: - Então, você se sente completamente livre para questioná-la? Por que eu acho blasfêmia.

Reverendo: - Acho que Deus não gosta de perguntas. Ele pode não ficar contente com todas as respostas. Acho que ter fé cega é tão perigoso como não ter fé.

Mary: - Eu nunca questioneei a minha fé.

Reverendo: - Às vezes, questioná-la ajuda a encontrar uma fé mais profunda.

Assim, verifica-se no decorrer na primeira parte do filme até o suicídio de Bobby, que a violência homofóbica foi visível, aspecto esse que, conforme já comentado, está relacionado aos valores incorporados e internalizados pelo núcleo familiar.

4.3 A internalização da homofobia e o cometimento de suicídio

“Às vezes, me sinto à beira do precipício”; “Nada daquilo que faço parece adiantar”; “Estou assustado e sozinho”; “Estou afundando num vasto lado de areia movediça. Um poço sem fundo”. Essas frases denotam um sentimento de impossibilidade de “recriar-se diante da vida, da perda de sentido de manter-se vivo. A ideia suicida está presente” (GUTZ, 2014, p. 45).

As experiências da vivência da homofobia, bem como as razões para prática do suicídio, são únicas e particulares, pois se processam de diferentes maneiras para cada ser. Embora não seja possível apreender a pessoa em toda sua totalidade, pode-se buscar compreender como a interação de diversos fatores impactam a vida do sujeito.

As experiências vividas e como foram internalizadas pela pessoa irão determinar o seu jeito de ser. Pesquisas, já relacionadas neste estudo, apontam que a vivência em ambiente homofóbico traz consequências negativas para o desenvolvimento psíquico e emocional do homossexual.

A falta de aceitação social, principalmente no âmbito familiar, pode levar o homossexual a viver de forma inautêntica com seus anseios e desejos, provocando uma vida vazia e sem sentido.

Na Cena 8, Bobby diz: *Eu só quero estar próxima da minha família de novo*, quando a terapeuta pergunta se ele desejava ser homossexual. Essa fala indica que, para estar perto da família, Bobby precisaria viver de forma inautêntica. Como ser relacional, o sujeito depende da relação com consigo e com os outros. Isso leva Bobby a viver um dilema: ou assume o seu desejo ou vive de acordo com as normas impostas. Em ambos os casos, ele terá que lidar com as consequências que suas escolhas podem trazer a sua vida.

Verifica-se que desde que Bobby se “descobriu” como homossexual passou a viver uma grande angústia. Esse sofrimento fica evidente nas Cenas 4 e 34, de acordo com as anotações em seu diário:

Cena 4:

Para falar a verdade, às vezes me sinto na beira de um precipício olhando para o nada, sem nenhum lado para ir senão para baixo. Eu costumava ter sonhos que eu voava e era tão livre. Mas, agora, enquanto voo, tenho medo. Há linhas telefônicas e cabos elétricos. Seria tão doloroso ficar preso em um deles. Fico me perguntando se voltarei a ser livre de novo.

Cena 34:

Estou afundando lentamente num vasto lago de areia movediça. Um poço sem fundo. Gostaria de poder rastejar para baixo de uma pedra e dormir para sempre. Ninguém me entende. Ninguém nesta casa consegue aceitar o meu lado da história. Posso sentir os olhos de Deus olhando para mim com pena. Não posso deixar ninguém descobrir que não sou hetero. Seria tão humilhante. Os meus amigos iriam me odiar. A minha família... já os ouvi demais. Disseram que odeiam os gays. E que até Deus odeia gays. Me assusta mesmo quando falam assim, por que agora estão falando de mim. Eu não quero escolher o pecado. Não quero. Estou tão irritado e frustrado com Deus. Parece que estou no fim do caminho. Por que continua calado?

Há nessas palavras uma dor pungente que faz emergir o conflito existencial pelo qual Bobby estava passando. E o desejo de morte, de pôr fim ao sofrimento, está presente.

Bobby tenta concretizar esse desejo ao tomar uma grande quantidade de comprimidos, mas não consegue dar prosseguimento ao ato (Cena 4). O irmão mais velho de Bobby, Ed, chega e percebe o que ele estava querendo fazer. Bobby confessa a Ed a sua condição homossexual e seus desejos e pede para o irmão não contar a sua mãe.

Chama a atenção a preocupação de Bobby com a reação da família, pois ele sabe da opinião dela sobre os gays, e com a condenação de Deus. Percebe-se que Bobby traz uma percepção negativa da vivência da sexualidade e a respeito de si mesmo, configurando-se uma homofobia internalizada.

O conflito de Bobby se agrava quando Ed conta para sua mãe que ele é homossexual (Cenas 5 e 6).

Depois dessa revelação, Bobby passa por vários constrangimentos, causados principalmente por sua mãe, com idas a terapias e grupos religiosos para tratamento da homossexualidade.

No decorrer dessas buscas, Bobby se depara com sua angústia existencial. Ao sair da reunião do grupo religioso, ele reflete sobre sua situação (Cena 12):

Bobby sai para correr. Está angustiado e o hino da igreja não sai da sua cabeça. Pará no caminho e olha a natureza que de repente transforma-se em prédios abandonados. Escreve em seu diário: “Nada daquilo que faço parece adiantar. Eu tento e ajo como eles, mas parece impossível. É um sentimento horrível acreditar que possa ir direto para o fogo do Inferno. Pior ainda é todos ficarem dizendo como a solução é simples. Eles não sabem o que é estar na minha pele”.

A vivência da homofobia internalizada faz com que Bobby não se sinta aprovado pelas pessoas. Essa situação é vista, por exemplo, na Cena 17:

Bobby fica deslocado na festa. Acha que as pessoas estão comentando e rindo dele. Indignado, vai até o irmão e pergunta:

- Você contou para seus amigos?

Ed: - Bobby, não são meus amigos.

Bobby: - Contou a todos que eu sou gay?

Ed: - Não contei a ninguém. Deixa de ser paranoico.

Bobby: - Vocês todos me odeiam por isso. Eu sei que pensam que eu não vejo, mas vejo. Tenho que ir embora.

No entanto, aos poucos, parece que Bobby consegue reduzir a influência do desejo do outro em sua vida, pois recebe em sua casa dois amigos travestis e discute com sua mãe sobre alguns de seus conceitos (Cena 21):

Mary fica pasma e diz a Bobby: - Não bastasse você ir Deus sabe onde à noite, agora traz esses desviados à minha casa?

Bobby: - É também minha casa e eles são meus amigos.

Mary: - É isso que aquele rapaz é?

Bobby: - Agora também é pecado ter amigos, mãe? Nós nos divertimos, está bem? Vamos ao show de rock juntos. Significa que seremos destruídos?

Mary: - Eles são gays, não são? Pensei que você estava melhor.

Bobby: - Quando? Quando estava infeliz? Parecia que estava melhorando? Você tem razão, mãe. Estou condenado a apodrecer no Inferno.

Mary: - Não diga isso.

Bobby: - Mas é o que sua Bíblia diz.

Mary: - A Bíblia também diz que uma pessoa pode mudar.

Bobby: - Eu tentei mãe. Não consigo.

Mary: - Por que continua a escolher isso?

Bobby: - Por que escolheria isto? Por que escolheria ter a minha família inteira me odiando?

Mary: - Não, nós te amamos. Não percebe por que fazemos isso?

Bobby: - Sério, mãe? É assim que é o amor?

Bobby decide, inicialmente, ir passar uns dias na casa de sua prima Janeth que mora em outra cidade (Portland). Durante a viagem, ele deixa emergir um sentimento de autoaceitação (Cena 22):

No caminho da viagem, Bobby vai pensando que já está feliz por estar longe de casa e livre. Parece uma nova vida. Um novo dia. “Eu vou ser um sucesso de todas as formas que puder. O meu objetivo é alcançar um sentimento de orgulho e de valor como ser humano”.

A viagem faz bem ao Bobby, pois sua prima aceita a sua condição e o encoraja a ser como quer. Em Portland, Bobby conheceu David, amigo de Janeth, por quem se apaixonou e começou a namorar.

Bobby então resolve se mudar para Portland. Ele retorna para casa para comunicar os seus pais sobre sua decisão e falar do seu namorado. Mas, nessa ocasião, depara-se, mais uma vez, com a recusa da mãe em aceitá-lo como homossexual, o que lhe causa um grande sofrimento (Cena 24):

Bobby chega em casa e seu pai o recebe. A família lancha juntos. Joy pergunta como foi a viagem. Bobby diz que foi ótima e que está pensando em se mudar para Portland por algum tempo.

Mary: - Mudar pra lá?

Bobby: - Eu conheci alguém. Um cara.

Mary se levanta e chama as filhas para recolherem o lanche.

Nancy: - É para fingir que não ouvimos isso?

Joy: - Sim.

Robert: - Bobby, pode não ter sido a hora certa.

Bobby: - Eu sei, desculpem-me. Diz isso e sai da sala e vai para a cozinha onde sua mãe está.

Mary: - Você deveria se preocupar com a faculdade. Em se formar primeiro.

Bobby: - Você me ouviu?

Mary: - Eu não quero saber.

Bobby: - Eu quero que você saiba. O nome dele é David.

Mary: - Para começar e não obter não diferente é melhor nem começar.

Bobby: - Quando estou com ele, sinto-me tão bem! Ele me trata bem, é engraçado e inteligente.

Mary: - Pará. Falo sério. Não quero ouvir e você sabe.

Bobby: - Fiquei o ano passado ouvindo você e agora vai me ouvir pelo menos uma vez. Eu me sinto bem quando estou com David. Mas, se ele me toca em público ou, Deus me livre, me beija, eu o afasto. Sinto vergonha.

Mary: - Por que sabe que é errado.

Bobby: - Por que você me disse que era errado.

Mary: - Não sou eu. É a Bíblia.

Bobby: - Não é a Bíblia, é você. Por que não admite isso? Por que não admite que não suporta aquilo que sou?

Mary: - Aquilo que se tornou.

Bobby: - Aquilo que sou. Lamento! Não sou o Bobby perfeitinho que sempre desejou. E não posso continuar a pedir desculpas por isso. Mãe, me aceite do jeito que sou ou me esqueça.

Mary: - Não vou ter um filho gay.

Bobby: - Então, mãe, você não tem um filho.

Mary: - Adeus.

Bobby sai desolado na cozinha e vai para a varanda externa. Sua irmã, Joy, vai falar com ele.

Joy: - Achava mesmo que ela iria aceitar?

Bobby: - Ela falou sério? Ela disse mesmo aquilo?

Joy: - Eu quero mesmo que você seja feliz. Tenho certeza que esse cara é muito legal. Não importa o que, ela nunca vai aceitar. Vai ser uma vida solitária, por que ele nunca será bem-vindo aqui. Nem no Natal, nem no dia de Ação de Graças. Nada.

Bobby vai embora da sua casa e sua mãe não se despede dele (Cena 25). A angústia volta a incomodá-lo.

Em Portland, Bobby, ao conhecer a família de David e conversar sobre a aceitação da sua sexualidade por parte família, é invadido por um desconforto. Enquanto David e seus pais conversavam, ele se recordava de algumas falas ocorridas na casa dos seus pais que o repreendiam por ser homossexual e o lembravam do cometimento do pecado, além de lhe apontarem as dificuldades de ser o que se é (Cena 28):

Bobby fica, durante o almoço, recordando-se das várias conversas ocorridas na casa de seus pais, principalmente as com sua mãe: “É um pecado. Não é natural. Eles cairão em si. Vai arruinar a sua vida. É um pecado. Ele nunca será bem-vindo aqui. Por que continua escolhendo isso? ”.

O sentimento de inadequação e de rejeição intensificam-se e Bobby é tomado por uma grande tristeza. Procura apoio do namorado, mas não consegue falar com ele (Cena 29):

Bobby está andando sozinho em um lugar de prédios abandonados. Está entristecido e pensativo. “Às vezes sofro tanto... Estou assustado e sozinho. Estou condenado”.

Os pensamentos sombrios continuam acompanhando Bobby em seu trabalho. Ele faz anotações em seu diário: “Estou afundando num vasto lago de areia movediça. Um poço sem fundo. Gostaria de poder rastejar para baixo de uma pedra e dormir para sempre”.

Bobby liga para David, mas não o encontra. Deixa um recado na secretária eletrônica dizendo “eu preciso mesmo de alguém para conversar e tinha esperança que estivesse aí”.

Embora Bobby tenha saído de casa para viver de forma mais autêntica, os discursos de condenação, de pecado, ainda o atormentavam, causando-lhe muita tristeza. A vivência dessa dor é muito forte para Bobby, levando-o a pular de um viaduto em uma autoestrada, sobre um caminhão. O impacto com o veículo provoca a sua morte.

Enquanto subia no viaduto, Bobby rememorava várias cenas da sua vida, principalmente aquelas de condenação e de exclusão. Ele lembra de uma frase de sua mãe quando discutiram na cozinha de sua casa: “Eu não vou ter um filho gay” (Cena 31).

Cabe ressaltar que o discurso de Mary se concretizou no suicídio de Bobby, visto que ela disse que não teria um filho gay (Cena 26).

É preciso considerar que os efeitos do ato de homofobia, via de regra, designam o outro como desprezível e inferior.

Entende-se que, no momento em que o ser humano vive de forma ‘incongruente com a sua experiência, com seus pensamentos e sentimentos’, perde o referencial de avaliação da sua experiência (AZEVEDO; DUTRA, 2012, p. 26).

Azevedo e Dutra (2012, p. 26) relatam que, em pesquisa realizada com jovens homossexuais, “a percepção precoce dos desejos homossexuais levou à insegurança e

dificuldades que parecem ter permeado a formação da identidade sexual; também evidenciou o medo da rejeição social”.

Depreende-se que Bobby, desde que começou a se perceber homossexual, já trazia experiências internalizadas negativas quanto a sua orientação sexual. Assim, por não encontrar outra forma de viver a sua vida, suicida-se por não suportar a falta de sentido. Na pessoa suicida há um sentimento de incapacidade de resolver os seus problemas e de compreensão dos seus conflitos. A *awareness* fica restrita.

Gutz (2014) pontua que quem comete suicídio não demonstra necessariamente uma rejeição pela vida, mas uma impotência para manejar suas necessidades.

A Gestalt-terapia entende que a pessoa formula suas referências de acordo com o vivido. As fronteiras de contato são construídas a partir das experiências pessoais e refletem a forma de estar no mundo.

Fukumitsu (2013, p. 117) entende que o conceito de parte e do todo é adequado para se refletir sobre o suicídio. No ato suicida, há um “desejo de matar parte daquilo que não está organizado, mas confunde a parte com sua totalidade. Algumas vezes, generaliza e acaba por departamentando os problemas que são partes do viver com problemas para viver”.

Sendo assim, a pessoa se relaciona com parte do seu viver, o que pode gerar gestalt inacabada ou aberta que, em algum momento, rogará por seu fechamento.

Compreende-se que Bobby, apesar de se mudar para Portland, não conseguiu viver de forma plena em virtude do conflito com sua mãe que o fazia vivenciar os seus próprios conflitos com a homossexualidade. Assim, essa gestalt permaneceu aberta gerando uma falta de sentido na vida.

Shneidman (1996, apud ARAGÃO NETO, 2015, p. 19) entende que “a dor psicológica é o ingrediente básico do suicídio”. Quando aos pais projetam algo para a vida dos filhos, o resultado pode ser altamente destrutivo. É como se ficasse subentendido que eles somente serão amados se agirem segundo a concepção dos seus pais. Ao não corresponderem a esse ideal, os filhos podem se sentir extremamente fracassados e inúteis e acreditarem que o autoextermínio pode ser uma resposta (ARAGÃO NETO, 2015).

Bobby também se sentia fracassado por não corresponder ao modelo heterossexual imposto por sua família, principalmente sua mãe. Ressalta-se, mais uma vez, que essa situação pode ser um fator para o suicídio, mas não há uma relação de causa e efeito para o cometimento desse ato. O suicídio é um processo constituído de inúmeras variáveis, está cercado de uma teia de significados e suas motivações pertencem ao domínio privado.

É preciso considerar que o suicídio existe a partir de um sujeito que lhe deu forma e configuração. O conhecimento das vivências subjetivas do sofrimento emocional / psíquico pode dar pistas para a compreensão do ato cometido.

A Gestalt-terapia entende que todo sintoma (neste caso o sofrimento vivenciado por Bobby) é uma tentativa de autorregulação diante dos impedimentos da vida (LIMA, 2014). É uma forma de ajustamento criativo, porém disfuncional. Mas, é a melhor forma que a pessoa encontrou de lidar com seus dilemas. “O que torna as escolhas disfuncionais é o fato de estarem desatualizadas e de desconsiderarem a existência de novos recursos e de novos contextos no presente” (CARDELLA, 2014, p. 118).

Os ajustamentos disfuncionais contribuem para que a pessoa passe a “viver de forma estereotipada e autômata” (CARDELLA, 2014, p. 122).

Para Perls (1981, apud SCHILLINGS, 2014, p. 193), a neurose surge “quando o indivíduo, de alguma forma, interrompe os processos contínuos da vida e se sobrecarrega com tantas situações incompletas que não pode prosseguir satisfatoriamente com o processo de viver”. Há uma interrupção do fluxo do contato. A pessoa não consegue fazer novos arranjos na sua forma de viver.

Bobby, ao se suicidar, vivenciava uma situação de interrupção do fluxo. Ele não conseguiu desenvolver novos recursos para lidar com os introjetos disfuncionais oriundos da homofobia familiar e religiosa da sua família. Mesmo tendo saído de casa, Bobby cristalizou as suas gestalten inacabadas formadas durante a convivência familiar. Pode-se verificar essa situação quando ele está almoçando na casa do seu namorado. Nessa ocasião, ele poderia desfrutar do acolhimento da família de David e ressignificar sua forma de lidar com a rejeição da mãe. No entanto, as palavras de rejeição não lhe deixam estar presente naquela celebração familiar.

A introjeção internalizada por Bobby cristalizou a sua percepção de si e do mundo, inibindo a externalização dos seus sentimentos.

Entende-se que a homofobia internalizada representa uma introjeção tóxica que provoca um viver inautêntico, uma desintegração do ser. Não há lugar para si no seu corpo, que é tomado pelo outro.

Neste sentido, entende-se que Bobby incorporou a homofobia oriunda do âmbito familiar e religioso. Todas “as palavras, gestos, olhares, adjetivos, crenças, valores e sentimentos expressados” acerca da homossexualidade foram internalizados por Bobby dificultando um viver autêntico. Bobby desenvolveu baixa autoestima, ausência de amor pela

vida, sentimento de culpa, "[...] atitudes de vitimização e de submissão ao outro" (ANTONY, 2009, p. 365). Buscou incessantemente a aprovação da família, principalmente de sua mãe.

O potencial criativo do ser humano é imprescindível para que ele possa inventar, criar, buscar respostas novas a fim de se autorregular. À medida que se busca o equilíbrio entre as demandas internas e externas, o organismo completa o processo de satisfação de algumas necessidades e outras surgem. "Estar vivo e em busca de satisfação e saúde é lidar, permanentemente, com esse grande número de demandas que surgem e exigem escolhas, deliberações, ações" (LIMA, 2014, p. 94).

Cardella (2014, p. 113) diz de forma inspiradora que "ajustar-se criativamente implica imprimir sua marca nos acontecimentos da vida, 'pessoalizando-a', tornando-a *própria*, atualizando as potencialidades singulares, presentificando-as na interação com o mundo".

Ressalte-se que a frustração faz parte do processo autorregulativo, pois o ser humano diante do impasse vivido pode desenvolver outros recursos para se autorregular. A frustração impulsiona o surgimento de necessidades e o desenvolvimento de ações para mobilizar os próprios recursos para se autorregular (LIMA, 2014).

Mas o sofrimento de Bobby não lhe permitiu que tivesse *awareness* de seus conflitos e da razão de eles estarem presentes em sua vida.

4.4 Em busca de confirmação

Para Hycner (1985, apud FRAZÃO, 1995, p. 148), o cerne da Gestalt-terapia "é a crença ontológica de que a base 'última' da existência humana é, por natureza, relacional, ou dialógica (...), razão pela qual realça a singularidade do indivíduo no contexto relacional".

Nesse cenário, a confirmação é elemento central na atitude dialógica. "A confirmação é uma atitude em relação à validação da existência do outro enquanto outro" (FRAZÃO, 1995, p. 149). A confirmação exige presença e uma abertura ao Outro em toda sua totalidade, com todo o seu vivido. Confirmação é estar disponível para perceber e apreender o Outro na sua essência (HOLANDA, 1998).

Entende-se que Bobby, desde que passou a se ver como homossexual, buscou ser confirmado por sua família, sobretudo por sua mãe. Sabe-se que a compreensão do ser humano está ligada a sua rede de relações.

Mary, a partir da descoberta da homossexualidade de Bobby, passou a desconfirmá-lo, pois além de querer determinar o que ele tinha que fazer na vida, sem considerar a sua

subjetividade, não o aceitou na sua totalidade. Em dos diálogos com o filho, Mary deixa clara a não aceitação da forma de ser do filho (Cena 21):

Mary fica pasma e diz a Bobby: - Não bastasse você ir Deus sabe onde à noite, agora traz esses desviados à minha casa?

Bobby: - É também minha casa e eles são meus amigos.

Mary: - É isso que aquele rapaz é?

Bobby: - Agora também é pecado ter amigos, mãe? Nós nos divertimos, está bem? Vamos ao show de rock juntos. Significa que seremos destruídos?

Mary: - Eles são gays, não são? Pensei que você estava melhor.

Bobby: - Quando? Quando estava infeliz? Parecia que estava melhorando? Você tem razão, mãe. Estou condenado a apodrecer no Inferno.

Mary: - Não diga isso.

Bobby: - Mas é o que sua Bíblia diz.

Mary: - A Bíblia também diz que uma pessoa pode mudar.

Bobby: - Eu tentei mãe. Não consigo.

Mary: - Por que continua a escolher isso?

Bobby: - Por que escolheria isto? Por que escolheria ter a minha família inteira me odiando?

Mary: - Não, nós te amamos. Não percebe por que fazemos isso?

Bobby: - Sério, mãe? É assim que é o amor?

Mas, possivelmente a cena mais marcante quanto à desconfirmação da essência de Bobby é quando Mary diz que não o aceita por ele ser homossexual (Cena 24):

Mary: - Você deveria se preocupar com a faculdade. Em se formar primeiro.

Bobby: - Você me ouviu?

Mary: - Eu não quero saber.

Bobby: - Eu quero que você saiba. O nome dele é David.

Mary: - Para começar e não obter não diferente é melhor nem começar.

Bobby: - Quando estou com ele, sinto-me tão bem! Ele me trata bem, é engraçado e inteligente.

Mary: - Pará. Falo sério. Não quero ouvir e você sabe.

Bobby: - Fiquei o ano passado ouvindo você e agora vai me ouvir pelo menos uma vez. Eu me sinto bem quando estou com David. Mas, se ele me toca em público ou, Deus me livre, me beija, eu o afasto. Sinto vergonha.

Mary: - Por que sabe que é errado.

Bobby: - Por que você me disse que era errado.

Mary: - Não sou eu. É a Bíblia.

Bobby: - Não é a Bíblia, é você. Por que não admite isso? Por que não admite que não suporta aquilo que sou?

Mary: - Aquilo que se tornou.

Bobby: - Aquilo que sou. Lamento! Não sou o Bobby perfeito que sempre desejou. E não posso continuar a pedir desculpas por isso. Mãe, me aceite do jeito que sou ou me esqueça.

Mary: - Não vou ter um filho gay.

Bobby: - Então, mãe, você não tem um filho.

Mary: - Adeus.

Esse foi um momento crucial na vida de Bobby, trazendo momentos de muita dor. Não ser aceito por pessoas significativas pode gerar sentimento de inadequação, por não ser o que deveria ser.

O pai de Bobby, embora parecesse não querer se manifestar sobre a sexualidade do filho, também age no sentido de não o confirmar (Cena 14):

Robert: - Bobby, como está a escola?

Bobby: - Bem.

Robert: - Já pensou nos seus planos?

Bobby: - Sobre a faculdade?

Robert: - Não, planos da vida.

Bobby: - Bem, ainda penso em ser escritor.

Robert: - Ouça, Bobby, você sempre teve uma grande imaginação, mas está chegando na idade em que tem que ser prático. Os sonhos são ótimos quando se é jovem, mas eles, realmente, não têm lugar no mundo real.

Bobby: - Pois é.

Robert: - Ouviu o que eu disse?

Bobby: - Sim.

Até quando Bobby não está mais no convívio familiar, sua mãe deixa de confirmá-lo, o que provoca uma grande tristeza (Cena 27):

Na casa de Janeth, Bobby recebe um presente de aniversário de sua mãe: um suéter e um folheto sobre “AIDS – a Ira de Deus”.

Janeth: - Sua mãe gastou muito com seu presente.

Bobby fica triste e indignado.

Janeth: - Você não pode esperar nada de diferente dela. Ela não vai mudar.

Bobby: - Aniversários sempre foram muito importantes para todos nós. Agora já não há “todos nós”. Não consigo meter isso na minha cabeça.

Ribeiro (1998, p. 59) defende que a pessoa ao ser aceita para de se julgar e de aceitar o julgamento do outro. Como consequência, tem capacidade de desenvolver a autoconfiança e a autoestima “indispensáveis para a aventura de experimentar o novo, para a aventura de viver”. Ao reduzir os julgamentos, a pessoa volta a ser livre e pode ser o que se é ou mudar, se isso for a melhor opção para ela.

Porém, o que geralmente ocorre é a pessoa permanecer vivendo de forma estereotipada, com comportamentos fixados, por não desenvolver a capacidade de lidar com o novo. Torna-se um ser rígido e imutável. Há um grande processo de negação e de muita dor (RIBEIRO, 1998). E, foi nesse processo de experimentação, que Bobby passou a viver.

Importante ressaltar que os pais também cristalizam a forma como veem os filhos. Com isso, fixam o seu olhar nos próprios rótulos e não validam seus filhos se eles forem diferentes do padrão estabelecido (AGUIAR, 2014).

Parece que os pais de Bobby, durante a infância, o confirmaram naquilo que eles valorizavam, pois em duas cenas fica claro que ele era considerado o filho perfeito.

Cena 1:

Joy diz que a avó implica com ela. Mas que ninguém implica com ele, pois é o favorito. E pergunta para ele como é ser perfeito.

Cena 24:

Bobby: - Aquilo que sou. Lamento! Não sou o Bobby perfeitinho que sempre desejou. E não posso continuar a pedir desculpas por isso. Mãe, me aceite do jeito que sou ou me esqueça.

Hycner (1995, p. 118) defende que todo ser humano “clama desesperadamente por ser confirmado”. Ser compreendido é uma necessidade existencial. Para tanto, a abertura amorosa para a verdadeira essência do Outro pode permitir compreender a grandeza dessa pessoa.

Quando Mary se permite conhecer a homossexualidade com outros olhos, reconhece que não confirmou o filho. Esse reconhecimento ocorre em sua manifestação na reunião do condado (Cena 48), momento em que ela chama a atenção dos presentes para não fazerem o mesmo com outros Bobbies.

Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se ao menos eles tentassem e tentassem com mais afinco talvez isso funcionasse. Essas foram as coisas que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo desmoronou. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de um viaduto e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Vejo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração ... não estaria aqui hoje, com vocês, cheia de arrependimento.

Eu acredito que Deus estava contente com o espírito gentil e amável do Bobby. Aos olhos de Deus, gentileza e amor é tudo que importa. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia a condenação eterna aos gays, cada vez que eu me referia ao Bobby como doente, pervertido e perigoso às nossas crianças, a sua autoestima, os seus próprios valores, estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou para além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o muro de um viaduto e pulasse diretamente na frente de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay”.

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tirados dele, mas foram. Há crianças, como o Bobby, presentes nas suas congregações, desconhecidas de vocês. Elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. E isso depressa silenciará suas preces. Suas preces a Deus por compreensão e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ irão silenciar essas preces. Por isso, antes de ecoarem ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo.

Nas palavras de Hycner (1997, p. 15), “O coração do homem anseia por contato — acima de tudo, anseia por diálogo genuíno. O diálogo está no coração do humano”. A falta do diálogo provoca um grande “abismo interno”. Todo ser humano espera “ser reconhecido em” sua: singularidade, plenitude, vulnerabilidade.

4.5 Luto e compreensão da homossexualidade

Embora, a discussão sobre o luto não seja a questão primordial que guiou este estudo, o processo de ajustamento criativo de Mary e sua família após a morte de Bobby se mostra significativo, por demonstrar a superação e a forma de ajustamento funcional saudável dos envolvidos.

Quando Bobby morre, Robert se dirige ao trabalho de Mary para contar-lhe sobre o suicídio do filho. Ao relatar o ocorrido, Mary é tomada pelo desespero (Cena 32).

A morte de Bobby desvelou o fenômeno da angústia em Mary e isto possibilitou que ela compreendesse a angústia e o sofrimento do universo dos homossexuais.

O processo de luto pode ser um momento que demanda uma nova reorganização familiar. O contato com a frustração, com a culpa e com a dor, ou seja, a tomada de consciência das implicações do suicídio possibilita aos envolvidos se reequilibrarem e ressignificarem os vínculos perdidos.

Durante a vivência do luto, Mary recebe em sua casa a visita de pastores da sua igreja. Na ocasião, questiona-os sobre a salvação do seu filho (Cena 38):

Mary: - Deve haver outros Bobbys por aí. Outros jovens gays que podem estar pensando em se matar. A igreja tenta alcança-los?

Pastor: - Há outras igrejas que fazem isso. O reverendo Joseph nos pediu para dizer o quanto sente pela sua perda. Podemos voltar em algumas semanas e ver como está a sua família.

Mary chorando diz: - Vocês não compreendem. Eu não sei o que fazer. Preciso me perdoar por isso, mas não consigo. O Senhor diz que os impuros serão atirados no lago de fogo. Bobby pecou, mas era puro de coração. Nunca magoaria alguém em sã consciência. É suficiente? Chega?

É neste momento que Mary começa a questionar sua fé e isso abre em sua existência o fenômeno da angústia. Ela percebe que precisa aprender a conviver com a dor da perda de Bobby e compreender as razões que o levaram ao suicídio.

Ao buscar compreender a sua crença religiosa aliada à morte do filho e sua homossexualidade, Mary conhece o Reverendo Whitsell, que tem um olhar diverso do seu sobre as palavras bíblicas. Também, começa se relacionar com outras pessoas que vivenciam em seu lar questões relativas à homossexualidade (Cenas 42, 44, 45).

Aos poucos, Mary se abre para outras verdades e esse novo caminho a leva à compreensão do processo de Bobby, se tornando uma ativista dos direitos dos homossexuais. Nessa trajetória, faz, inclusive, um discurso defendendo os homossexuais (Cena 48).

Apesar de o equilíbrio familiar ter sido perturbado diante da necessidade de ajustes, a família Griffith se reorganizou fazendo fluir o fluxo da autorregulação. Houve uma reconciliação com a vida. A morte de Bobby criou possibilidades para a sua família fechar situações inacabadas relacionadas à questão da homossexualidade.

A família conseguiu ressignificar a dor e estabelecer uma nova forma de experiência, agora mais funcional, mais saudável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, entende-se que é preciso considerar que por mais que o pesquisador busque manter suspensos os seus pré-conceitos acerca da experiência subjetiva do fenômeno estudado, colocando-os entre parênteses, isso não se dá de forma total, pois o seu mundo vivido o constitui estando presente durante a análise.

Também, a dimensão da intersubjetividade afasta qualquer avaliação determinista sobre as experiências que causam o suicídio. No entanto, o aumento do número de mortes por suicídio enseja que se busque compreender o ser humano envolvido nesse ato a fim de lhe dar o suporte necessário para que ele possa ter *awareness* de suas escolhas.

Este estudo demonstrou que o preconceito e a discriminação relacionados à aceitação da homossexualidade (interna e externa) dificultaram o indivíduo de viver de forma plena. Acredita-se, assim, que a influência da homofobia internalizada no cometimento de suicídio deve ser sempre avaliada como uma possibilidade.

Um dos fatores que contribuem para a internalização da homofobia diz respeito aos discursos preconizados por grupos religiosos que pregam a mudança de conduta sexual que deve ser condizente com as normas heteronormativas. Outro importante fator de impacto é a rejeição parental em relação ao/a filho/filha homossexual. Entende-se que essas dinâmicas devem ser consideradas em qualquer avaliação da compreensão do comportamento suicida.

Para a Gestalt-terapia o homem é um ser relacional e contextual. Dessa forma, não há como pensar o sujeito sem examinar os vários aspectos de sua existência, que modifica e é modificado por sua fronteira de contatos.

Entende-se que tanto o suicídio, como a homofobia internalizada, são um sintoma, ou seja, reações do organismo ao lidar com o meio, não devendo ser vistos de forma descontextualizadas.

Ademais, é preciso ressaltar que, apesar de a Resolução nº 001/99, do CFP, estabelecer que a homossexualidade não se configura como uma doença, muitos profissionais ainda defendem a ideia de cura. Via de regra, sustentam seu discurso em preceitos morais e religiosos.

Somada a essa situação, algumas pessoas, ainda desprovidas de um olhar crítico em relação ao direito e desejo do outro, incorporam discursos oriundos de crenças religiosas e outras instituições sociais, reforçando a dinâmica do preconceito e da discriminação.

Sendo o respeito à dignidade humana é um dos princípios que fundamenta a prática clínica do psicólogo, cabe ao profissional atuar no sentido de desconstruir o significado negativo da homossexualidade.

Compreende-se do presente estudo que uma maneira de acolher o outro com toda sua singularidade é confirmando-o, é estar aberto ao diálogo desprovido de julgamentos e conceitos.

Outrossim, da análise do filme, pode-se observar que os pais de Bobby ressignificaram seus sentimentos e a vivência do luto os auxiliou no enfrentamento da finitude do filho e na compreensão do que é ser e viver a homossexualidade.

Por fim, duas questões que não foram objeto deste estudo se sobressaíram dos textos pesquisados: o bullying homofóbico e o luto decorrente do suicídio de um filho / uma filha homossexual.

Entende-se que esses temas revelam a importância de se estudar e explorar tais questões, a fim de melhor compreender a influência de ambientes homofóbicos do mundo vivido dos indivíduos. A partir de uma melhor compreensão dessas questões será possível desmistificar visões e estabelecer estratégias que referenciem as pessoas em suas singularidades.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014.
- ALEXANDRE, Maria Edna Silva de; LIMA, Edgley Duarte de; GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. Homossexualidade e a Psicologia: revisitando a produção científica nacional. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2014/12/Alexandre-Lima-Galv%C3%A3o-2014-Homossexualidade-e-a-Psicologia-revisitando-a-produ%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-nacional2.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2016.
- ALVIM, Mônica Botelho. *Awareness: experiência e saber da experiência*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-368, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2016.
- ARAGÃO NETO, Carlos Henrique de. O sentido na vida como fator de proteção ao suicídio. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 17-27, 2015. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Arag%C3%A3o-Neto-2015-O-sentido-na-vida-como-fator-de-prote%C3%A7%C3%A3o-ao-suic%C3%ADdio.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. *Suicídio: informando para prevenir*. Associação Brasileira de Psiquiatria, Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio. Brasília: CFM/ABP, 2014.
- AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 20-29, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- BASTOS, Rogério Lustosa. Suicídios, Psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 67-92, mar. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2016.
- BIRCK, Michele Daiane. Perdas Necessárias sob o olhar da Gestalt Terapia. *Aw@re Revista Eletrônica*, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.comunidadegestaltica.com.br/monografias/perdas-necessarias-sob-o-olhar-da-gestalt-terapia>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BORGES, Luciana Souza; CRUZEIRO, Mariana Spelta. Homossexualidade feminina e as possibilidades para aceitação por meio da *awareness* e sua influência na carreira profissional: um relato de experiência a partir da gestalt terapia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 3. 2014. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405651376_ARQUIVO_DiversidadeSexual.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CANEDO, Ingrid Robinson. Contribuições da Gestalt-terapia para o referencial teórico da Orientação Profissional. *Revista da ABOP*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 59-67, jun. 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891997000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. 2016.

CASTAÑEDA, Marina. *La experiencia homosexual*. México, D. F.: Paidós, 1999.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 104-130.

CARDOSO, Claudia Lins. A pesquisa fenomenológica como possibilidade de acesso à vivência de família. In: *Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família: com a palavra, a comunidade*. 2007. 212 p. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11321/11321_6.PDF>. Acesso em: 05 out. 2016.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução nº 01, de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2016.

DUTRA, Elza Maria do Socorro. *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa*. 2000. 211 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecaparaalapsicologia.com/greenstone/collect/ecritos2/index/assoc/HASH01ed/a5c10835.dir/doc.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. *Revista Abordagem Gestáltica*, v. 17, n. 2, dez. 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 maio 2016.

DUTRA, Elza; ROEHE, Marcelo Vial. Suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte: compreensão fenomenológica preliminar dos aspectos existenciais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 108-118, abr. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2016.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FRAZÃO, Lilian Meyer. A relação psicoterapeuta-cliente. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 set. 2016.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. Apresentação. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 7-12.

FUKUMITSU, Karina Okajima. *Suicídio e Gestalt-terapia*. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012.

FUKUMITSU, Karina Okajima. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 270-275, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300270&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2016.

FUKUMITSU, Karina Okajima; SCAVACINI, Karen. Suicídio e manejo psicoterapêutico em situações de crise: uma abordagem gestáltica. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 198-204, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 ago. 2016.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Boolman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. *Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*. Rio Claro, SP, 2010. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/44.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abril 1995a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, 1995b. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000300004.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

GOMES, William B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 305-336, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2016.

GRANZOTTO, Rosane Lorena. *Gênese e construção de uma filosofia da gestalt na gestalt-terapia*. 2005. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30275-31136-1-PB.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2016.

GUIMARÃES, Fernando Duarte. *Homofobia, a angústia e medo de ser o que se é*. 2012. Disponível em: <<http://fernandoduarteguimaraes.com.br/homofobia-a-angustia-e-medo-de-ser-o-que-se-e/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2016.

GUTZ, Luiza. Suicídio: perspectiva de leitura na Gestalt-terapia. *Aw@re Revista Eletrônica*, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <http://comunidadegestaltica.com.br/sites/default/files/revistas/Revista_Aware_2014_5.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

HOLANDA, Adriano. Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 29-44, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X1998000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2016.

HYCNER, Richard. *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, Richard; JOCOB, Lynne. *Relação e cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

LEITE, Nildes R. Pitombo; LEITE, Fábio Pitombo. Um estudo observacional do filme Denise está chamando à luz da teoria de ação de Chris Argyris e Donald Schön. *REGE Revista de Gestão*, São Paulo, v. 14, p. 77-91, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36583/39304>>. Acesso em: 05 out. 2016.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Autorregulação orgânica e homeostase. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 88-103.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2009. p. 85-93.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. *Interacções*, Lisboa, v. 9, n. 26, 2013 (número especial). Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3361/2688>>. Acesso em: 30 out. 2016.

KOVÁCS, Maria Julia. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, n. 15, v. 3, p. 69-82, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/6199/4594>>. Acesso em: 27 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Prevenção do suicídio manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental*. 2006. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_editoracao.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, Virginia. Da empatia à compreensão do lebenswelt (mundo vivido) na psicoterapia humanista-fenomenológica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 59-70, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago. 2016.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital*, n. 17, p. 227-239, 2010. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/pub/athdig/15788946n17/15788946n17p227.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homofobia religiosa e direitos LGBT: notas de pesquisa. *Latitude*, v. 7, n. 1, p. 33-51, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1063>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualid, Salud y Sociedad: Revista Latino-americana*, n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/153>>. Acesso em: 12 maio 2015.

NETTO, Nilson Berenhtein. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica (capítulo I). In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2016. p. 13-24.

NUNAN, Adriana. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 62, p. 247-259, jul./set., 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3726&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação em Psicologia*, v. 14, n. 2, p. 255- 262, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/12212/13925>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

NUNES, Arlene Leite; HOLANDA, Adriano. Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da Gestalt-terapia. *Revista Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 172-

181, dez. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2016.

OPS. Organización Panamericana de la Salud. *Prevención del suicidio: un imperativo global*. Washington, DC: OPS, 2014. Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/136083/1/9789275318508_spa.pdf?ua=1&ua=1>. Acesso em: 25 set. 2016.

ORAÇÕES PARA BOBBY (PRAYERS FOR BOBBY). Direção: Russell Mulcahy. Roteiro: Katie Ford, Leroy Aarons. Produção: Damian Ganczewski. Drama. 2009. 89'. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ZHQXQkqL-o&t=220s>>. Acesso em: 16 out. 2016.

PAULA, Giordane Andrade de. A teoria paradoxal da mudança na prática da gestalt-terapia. *Aw@re Revista Eletrônica*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 20-31, 2014. Disponível em:

<http://comunidadegestaltica.com.br/sites/default/files/revistas/Revista_Aware_2014_5.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Fundamentalismo religioso: história e presença no cristianismo*. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

PEREIRA, Deriky. *Pesquisa revela número elevado de suicídios entre integrantes da comunidade LGBT em Maceió*. Disponível em:

<<http://www.ufal.edu.br/noticias/2013/11/pesquisa-revela-numero-elevado-de-suicidios-entre-integrantes-da-comunidade-lgbt-em-maceio>>. Acesso em: 17 maio 2016.

PEREIRA, Henrique Marques. *A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais*. 2001. 91 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde), Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2001. Disponível em:

<<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/784/1/DM%20PERE-H1.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, mar. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2016.

POCAHY, Fernando. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexista e homofóbica a partir da experiência do CDRH Rompa o Silêncio. In: POCAHY, Fernando (Org.). *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Nuances, 2007. p. 10-26.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 51-72.

QUEIROZ, Ana Coimbra. *Investigação qualitativa: a fenomenologia na investigação: características do método fenomenológico aplicado à investigação*. Abril, 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/3397752-Investigacao-qualitativa-a-fenomenologia-na>>

investigacao-anaqueirozmae-gmail-com-se-usar-este-material-por-favor-cite-a-fonte.html>.
Acesso em: 02 out. 2016.

RIBEIRO, Walter. *Existência essência*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ROCHA, Marcio Arthoni Souto da; BORIS, Georges Daniel JanjaBloc; MOREIRA, Virginia. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista Abordagem Gestáltica*, v. 18, n. 1, p. 69-78, jun. 2012. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2016.

RODRIGUES, Patrícia. Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LGB. *LES Online*, Lisboa, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em:
<<http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=35&path%5B%5D=34>>. Acesso em: 17 maio 2016.

SANDERS, Gary L. O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBER-BLACK, Eva (Org.). *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 219-244.

SANTOS, Jane Paim; BERNARDES, Nara M. G. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In: ZANELLA, Andréa V. et al (Org.). *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 289-296. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-27.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.

SANTOS, Manoel Antônio dos; BROCHADO JÚNIOR, José Urbano; MOSCHETA, Murilo dos Santos. Grupo de pais de jovens homossexuais. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 01-16, ago. 2007. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38655>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SCHILLINGS, Angela. Concepção da neurose em Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Gestalt-terapia conceitos fundamentais*. São Paulo: Summus, 2014. p. 193-215.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas*, v. 4, n. 5, 2010, p. 67-78, 2009. Disponível em:
<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art04_schulman.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2016.

SILVA, Marcela Lombello Contrera da; ALENCAR, Sílvia Oliveira de. Gestalt-terapia e corpo: uma revisão literária. *Revista IGT na Rede*, v.8, n.15, p. 335-368, 2011. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=334/>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

SILVA, Mônica Magrini de Lima et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 677-692, set. 2015. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2016

SILVA, Patrícia Rodrigues. Práticas de pesquisa: apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e seu uso nos estudos em administração. *Maringá Management*, v. 10, n. 3, p. 26-39, 2013. Disponível em:

<<http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/view/142/113>>. Acesso em: 11 out. 2016.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, 2002, p. 32-46. Disponível em:

<http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154032.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2016

SOUZA, Ismael Francisco de; EUGENIO, Jessica Daminelli. Diversidade e liberdade de expressão de orientação sexual: direitos, sociedade e conceitos na atualidade. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, v. 14, n. 92, set 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10249&n_link=revista_artigos_leitura>. Acesso em: 12 maio 2015.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 651-667, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 jun. 2016.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 137-163, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2016.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2016.

VIEGAS, Ítalo Guerra. Gestalt-terapia: conceitos básicos, implicações e diálogo. 2011.

Disponível em: <http://gestalt-terapiaevoce.blogspot.com.br/2011/02/gestalt-terapia-conceitos-basicos_27.html>. Acesso em: 02 set. 2016.

ZANA, Augusta Rodrigues de Oliveira; KOVÁCS, Maria Julia. O psicólogo e o atendimento a pacientes com ideação ou tentativa de suicídio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 897-921, 2013. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844512008>>. Acesso em: 27 set. 2016.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO FILME “ORAÇÕES PARA BOBBY”¹⁰

1982 – Mary está costurando próximo a um quadro com a imagem de Jesus. Bobby anda sobre um viaduto. Cenas da mãe costurando se alternam com as de Bobby andando sobre o viaduto. É noite. Mary apaga a luz.

Cena 1

1979

A família de Bobby está reunida em sua casa comemorando o aniversário da avó materna. Estão presentes: pai (Robert), mãe (Mary), duas irmãs (Joy e Nancy), um irmão (Ed) e a avó, bem como sua namorada (Michelle).

Bobby, sua família e sua namorada estão juntos para tirar uma foto. Robert filma todos brincando e se divertindo com uma bola de beisebol. Michelle segura a bola e Bobby a derruba tentando tomar a bola. Os dois estão brincando no chão.

Mary, feliz, olha os dois e diz: - Muito bem vocês dois, já chega. Bobby e Michelle se levantam. Quando Michelle se afasta, Bobby diz a Mary que gosta dela. Sua mãe responde dizendo que acha que Michelle também gosta dele.

Dentro de casa, a avó apaga as velas do bolo de aniversário. Mary lê um versículo bíblico. Joy diz de quem é a autoria do versículo. Bobby a corrige e diz o nome certo. A mãe sorri pra Bobby.

Na hora da entrega dos presentes, a avó pede para Nancy ir buscar a sua bolsa. Quando retorna, o irmão (Ed) pega a bolsa e fica brincando de gay, desfilando pela sala e falando de forma efeminada. Bobby parece ficar incomodado com a brincadeira, embora seus familiares não percebam. **Sua mãe diz para Ed parar com aquilo, pois é “nojento”. Sua avó diz: - Para mim, os veados deveriam ser enfileirados e mortos.** Joy dá um presente para a avó (um diário) e ela diz que não precisa mais de presentes. Joy fica chateada e vai para o quarto. Bobby pega o diário e segue para conversar com ela e diz para não se chatear, pois a avó é daquele jeito mesmo. Joy diz que a avó implica com ela. Mas que ninguém implica com ele, pois é o favorito. E pergunta para ele **como é ser perfeito**. Bobby brinca com ela e pergunta se pode ficar com o diário.

¹⁰ O filme é legendado. A transcrição foi feita em quase 95% do filme, com base nas suas legendas. As partes não transcritas não comprometem a discussão proposta. Também, foram feitos pequenos ajustes nos diálogos a fim de adequar à compreensão da língua portuguesa. O filme encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ZHQXQkqL-o&t=220s>>. Acesso em: 16 out. 2016.

Grifou-se alguns trechos transcritos por serem importantes para a compreensão fenomenológica.

Cena 2

Bobby vai, de carro, levar a namorada em casa. Os dois se beijam e ela quer ter relação sexual. Ele diz que não está pronto para isso e termina o relacionamento. Ao retornar para casa, Bobby passa próximo a um bar gay e um rapaz faz gestos para ele entrar. Bobby segue para sua casa. Ao chegar encontra sua mãe assistindo a um filme de Hitchcock. Mary pede para Bobby assistir ao filme com ela, pois somente ele se interessa por ver um filme preto e branco. Os dois assistem ao filme e comem pipoca. Há uma cumplicidade entre eles.

Cena 3

Bobby e Ed andam na linha de trem.

Bobby: - Acho que tem algo errado comigo.

Ed: - Com certeza.

Bobby: - O que acha que mamãe faria se descobrisse que um de nós é psicopata?

Ed: - O que dizer com “se”?

Bobby: - Sabe como ela está sempre dizendo que a família toda vai ficar reunida após a morte. Bem, e se um de nós for pecador?

Ed: - Se você pecou com Michelle, eu prometo que não conto.

Bobby: - Não é isso. Eu só tenho pensado em coisas, entende?

Ed: - Você pensa demais. É perigoso. Por isso evito a todo custo.

Bobby: - Fico feliz que tenhamos conversado.

Ed: - Agora sério, alguma coisa errada?

Bobby: - Não.

Ed: - Relaxa, sou seu irmão mais velho e tenho que cuidar de você.

Cena 4

Na escola, Bobby vê um rapaz bonito e se empolga pensando que ele está vindo em sua direção. Mas, o rapaz se dirige a uma colega da escola. Depois, Bobby encontra no corredor da escola alguns amigos que perguntam pela Michelle. Ele diz que terminou o namoro e vai embora. Bobby sai da escola com a aparência entristecida. Vai para uma pequena estação de trem e fica escrevendo em seu diário. Escreve: **Para falar a verdade, às vezes me sinto na beira de um precipício olhando para o nada, sem nenhum lado para ir senão para baixo. Eu costumava ter sonhos que eu voava e era tão livre. Mas, agora, enquanto voo, tenho medo. Há linhas telefônicas e cabos elétricos. Seria tão doloroso ficar preso em um deles. Fico me perguntando se voltarei a ser livre de novo.**

Em casa, Bobby, ainda com a aparência entristecida, assiste a um filme na TV que aparece dois homens em uma banheira. Levanta-se, vai ao banheiro e pega um vidro com

aspirinas. Seu irmão chega em casa e, como a televisão está ligada, procura ver quem está lá. Ed encontra vários comprimidos caídos no quarto e se assusta. Bobby diz a ele que queria tomar os comprimidos, mas não conseguiu.

Ed: - O que está acontecendo?

Bobby: - Por não ter conseguido? Por que é pecado.

Ed: - Bobby, do que está falando?

Bobby: - Eu não queria ir para o Inferno..., mas, estou nele. Só que isso é pior.

Ed: - Bobby, você está me assustando. O que está acontecendo?

Bobby: - **Vocês todos me odeiam. Eu sei. Eu sei que se souberem a verdade, irão me odiar.**

Ed: - Não. Seja o que for... vamos contar a mamãe.

Bobby: - **Não. Mamãe não compreenderia. Ela não pode saber.**

Ed: - Então, você tem que me contar agora mesmo.

Bobby: - Não sou como você, Ed.

Ed: - E daí?

Bobby: - **Eu continuo tentando. Digo a mim mesmo que um dia irei acordar e será diferente, mas não é... eu não sonho com garotas como você. Eu sonho com rapazes.**

Ed: - Você é gay?

Bobby: - Está vendo... você fala isso como se me odiasse.

Ed: - Dá um tempo.

Bobby: - Não sei o que fazer.

Ed: - Vamos contar aos nossos pais.

Bobby: - Não, não.

Ed: - Eles podem ajudar, Bobby. Sempre quiseram que falássemos tudo para eles.

Bobby: - Não.

Ed: - Eles podem ajudar.

Bobby: - Não posso, OK? E você também não vai dizer nada. Prometa. Prometa-se que não vai dizer nada.

Ed: - OK, prometo.

Cena 5

Ed está andando de carro com a mãe. Diz para ela que está preocupado com Bobby, pois acha que ele pode ser homossexual. A mãe diz que ele não é.

Ed fala que Bobby pediu para não contar, mas ele tentou tomar um frasco de aspirinas. A mãe diz que **Deus pode resolver isso. Ele vai nos ajudar. Ele vai curar Bobby.**

Cena 6

A mãe chega em casa e conta para Robert (seu esposo) sobre Bobby. Diz que a família não pode pecar assim. É um pecado terrível. A Bíblia chama de abominação. **Mary cita trecho bíblico do livro de Levítico que diz: “Se o homem se deitar com outro homem, devem ser ambos mortos”.**

Mary: - Não vou arriscar a união da família na próxima vida.

Robert: - Mary, podemos nos preocupar primeiro com esta vida.

Bobby chega e pergunta o que está acontecendo.

Mary: - Tem algo que queira nos contar?

Bobby: - Não. (Fala isso e olha para o irmão).

A mãe de Bobby torna a questioná-lo. Bobby olha decepcionado para o irmão.

Bobby: - Como você pode?

Bobby avança para bater no Ed que fala que estava preocupado com ele. O pai aparta a briga.

Bobby chorando: - Eu confiei em você!!

Robert pede para Ed sair. **A mãe diz para Bobby confiar na família, pois há cura com a ajuda de Deus. Bobby pede desculpas aos pais e fala que não queria ser assim.**

Bobby: - O que faço?

Robert: - Você não é gay. Você ainda não conheceu uma garota por quem tenha se sentido atraído.

Bobby: - Por favor, mãe, não conte a ninguém.

Bobby vai para o quarto e Ed lhe diz que falou para a mãe porque estava preocupado. Bobby não quer saber e vai dormir na sala.

Bobby acorda com a mãe ouvindo sermão de um reverendo no rádio. A mãe declama para Bobby frases sobre a influência do Espírito Santo na vida das pessoas. Diz para ele:

- Aconselho a viver a sua nova vida de acordo com o Espírito Santo e então não vai fazer aquilo que sua natureza pecadora deseja. Quando o Espírito Santo controla sua vida, Ele providencia amor, alegria, ternura, bondade e autocontrole.

Também, escreve frases de cunho religioso, fixando-as em várias partes da casa, inclusive no espelho do banheiro.

Bobby está escovando os dentes no banheiro e sua irmã Joy abre a porta e diz:

- Nós ainda te amamos, Bobby.

Cena 7

No trabalho, Mary lê trechos de um livro intitulado “Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo”. Em determinada parte, o **livro faz referência de que a psiquiatria poderia curar gays, tornando-os heterossexuais felizes e ajustados.**

Cena 8

Mary marca uma consulta com uma psiquiatra / terapeuta para Bobby. Na entrevista inicial são feitas várias perguntas:

Psiq.: - Então, você acha que é homossexual. Com quantas garotas você já esteve?

Bobby: - Não sei, duas...

Psiq.: - Teve relações sexuais com elas?

Bobby: - Não.

Psiq. - Então, como é que você tem certeza?

Bobby: - Eu só... tenho esses sentimentos...

Psiq. - Você quer ser homossexual?

Bobby: - Eu só quero estar próximo da minha família de novo. Sinto como se tivesse escorregado e não consigo voltar.

Psiq.: - Não serei capaz de te ajudar se não responder minhas perguntas.

Bobby: - Não, não quero ser assim.

A psiquiatra / terapeuta pede para falar com Mary.

Mary: - Ele pode ser curado?

Psiq.: Ele precisa realmente está disposto a se esforçar para isso.

Mary: - Ele está. Eu sei que está.

Psiq.: - Seria importante seu marido vir se juntar a nós na terapia.

Cena 9

Ao chegarem em casa (Bobby e sua mãe), Robert está na garagem e pergunta como foi. Bobby diz que a terapeuta falou que eles precisam passar mais tempo juntos. Mary reforça o dito pela terapeuta. Robert diz OK.

Quando Bobby entra em casa, o pai pergunta se foi só isso que a terapeuta falou. Mary diz que os três precisam ir à terapia.

Robert: - O que? Agora é nossa culpa? Não sei, mas, por mim tudo bem...

Mary: - Preciso que você participe, pois não consigo fazer sozinha. **Li que os homossexuais fazem sexo em banheiros públicos e que recrutam crianças.**

Robert: - Você acha que Bobby foi recrutado? Mary, você está perdendo a cabeça...

Cena 10

Bobby está deitado no seu quarto no sótão e a mãe fica orando e pedindo a cura dele.

Mary: - Ajude-o a voltar a ter um coração puro.

Bobby: - Você acha que isso vai me curar?

Mary: - Tem que confiar que Deus vai te curar. E que Satanás irá tentar te desencorajar. Confia em Deus?

Bobby: - Confio. Agora me deixa dormir.

Cena 11

Bobby está na reunião de jovens da Igreja Presbiteriana. O pastor prega a palavra de Deus.

Pastor: - Quando a tentação nos cerca a fé não é o bastante. É necessário ter disciplina, não só mental, mas física. Alguém quer contar sua história?

Uma moça diz que brigava com a mãe e a respondia. Ficava a noite toda na rua, mas, quando aceitou Jesus como seu Salvador, mudou. Ela e a mãe agora são melhores amigas. Todos aplaudem.

Pastor: - O poder da oração e do trabalho árduo.

O pastor pergunta ao Bobby como ele está indo. Todos olham para ele. Bobby diz que está bem.

Pastor: - O seu trabalho árduo foi recompensado, não foi?

Bobby: - Sim.

O pastor e todos os presentes começam a cantar um hino da igreja:

“Graça maravilhosa, tão doce o som que salvou o pecador como eu.

Antes andava perdido, mas agora fui encontrado.

Era cego, mas agora vejo”.

Cena 12

Bobby sai para correr. **Está angustiado e o hino da igreja não sai da sua cabeça. Pará no caminho e olha a natureza que de repente transforma-se em prédios abandonados. Escreve em seu diário: “Nada daquilo que faço parece adiantar. Eu tento e ajo como eles, mas parece impossível. É um sentimento horrível acreditar que possa ir direto para o fogo do Inferno. Pior ainda é todos ficarem dizendo como a solução é simples. Eles não sabem o que é estar na minha pele”.**

Cena 13

Bobby chega do mercado com sua mãe.

Bobby: - Estou correndo, não estou comendo bobagens. Mas não vejo qual o sentido disso. Quero dizer meu rosto está limpo e todo o resto está bem.

Mary: - Tem que continuar nesse caminho. Gosta das pessoas do seu grupo?

Bobby: - São legais. Tem uma garota...

Mary: - Sabe, espero que esteja levando isso a sério. Falo sério. Espero que esteja tentando com todas as suas forças. Não posso te perder para isso.

Bobby: - Não vai.

Mary: - Tenha fé.

Cena 14

Robert, Ed e Bobby saem para um passeio. Vão fazer uma trilha.

Robert: - Bobby, como está a escola?

Bobby: - Bem.

Robert: - Já pensou nos seus planos?

Bobby: - Sobre a faculdade?

Robert: - Não, planos da vida.

Bobby: - Bem, ainda penso em ser escritor.

Robert: - Ouça, Bobby, você sempre teve uma grande imaginação, mas está chegando na idade em que tem que ser prático. Os sonhos são ótimos quando se é jovem, mas eles, realmente, não têm lugar no mundo real.

Bobby: - Pois é.

Robert: - Ouviu o que eu disse?

Bobby: - Sim.

Ed interrompe a conversar e diz que eles vieram ali para caminhar.

Ao regressarem para casa, a mãe pergunta como foi o passeio. **Bobby responde irritado: - Estou curado.** E entra em casa.

Robert diz que está tudo bem; que eles conversaram. Mary quer saber sobre o que. Robert diz apenas que foi bom.

Mary: - Eu sei, mas isso é importante. Isso pode ajudar ou piorar.

Robert: - Eu fiz o melhor que pude. Está bom para você?

Cena 15

A terapeuta diz a Robert, Mary e Bobby que, muitas vezes, confusões como as de Bobby podem ser causadas por um pai distante ou uma mãe exigente demais.

Robert: - Eu tive os dois e estou ótimo.

Mary: - Robert, você tem que participar.

Robert: - Estou bem, Mary, estou na sala.

Robert se dirigindo à terapeuta: - Eu tenho sido um pai muito bom. Talvez não saiba disso, mas Bobby nunca se interessou pelas coisas que o irmão ou os outros rapazes se interessavam. Ele apenas não estava interessado. Por isso não vou força-lo, entende?

Cena 16

Bobby chega em casa e vê uma garota na sala assistindo TV. Ela se apresenta. Bobby vai à cozinha onde a mãe está preparando um lanche e pergunta quem é aquela moça. Mary diz que é uma aluna da sua escola dominical.

Bobby: - Você me arranjou em encontro?

Mary: - Precisa sair com muitas garotas. O seu pai também acha.

Bobby: - Ao menos, eu posso escolher?

Mary: - Não seja mal-agradecido. Divirta-se. Está bonito. Quer um brownie? Leva uma para a Sheila...

Bobby: - Não.

Bobby se retira da cozinha.

Cena 17

Bobby vai a uma festa com Sheila e a apresenta ao irmão. Joy chama Sheila para apresentá-la aos rapazes.

Ed pergunta ao Bobby quando eles vão voltar a conversar. Bobby olha para a Sheila e diz ao Ed:

- Olha como ela se comporta? E se ela quiser me beijar?

Ed: - Diz a ela que você é gay.

Os dois riem. Ed vai falar com outras pessoas. Bobby fica deslocado na festa. Acha que as pessoas estão comentando e rindo dele. Indignado, vai até o irmão e pergunta:

- Você contou para seus amigos?

Ed: - Bobby, não são meus amigos.

Bobby: - Contou a todos que eu sou gay?

Ed: - Não contei a ninguém. Deixa de ser paranoico.

Bobby: - Vocês todos me odeiam por isso. Eu sei que pensam que eu não vejo, mas vejo. Tenho que ir embora.

Ao chegar em casa tarde da noite, sua mãe o espera.

Mary: - São três da manhã.

Bobby: - Desculpe-me, perdi a noção do tempo

Mary: - Onde esteve?

Bobby não responde.

Mary: - Bobby, você não esteve com homossexuais, não é? Isso não é você. Isso é a tentação atrapalhando seus caminhos. Tem que orar com mais vontade se quer ficar bem.

Desanimado, Bobby responde: - Boa noite, mãe.

Pela manhã, Bobby encontra mais mensagens bíblicas pela casa e rasga a que está no vidro do banheiro.

Cena 18

Bobby vai a um bar onde a mãe está bebendo com as amigas. Quando Mary vê Bobby, se despede de suas amigas e anda na direção dele. Mary pergunta por Joy. Bobby diz que ela teve que trabalhar até mais tarde e pediu para ele ir buscá-la. **Mary está irritada. Bobby pergunta o que houve.**

Bobby: - Acha que não percebi? Não quer que suas amigas me vejam?

Mary: - Algumas pessoas não entenderiam.

Bobby: - E agora é tão óbvio ou você contou a elas?

Mary: - Olha o que você está vestindo.

Bobby coloca a mão na cintura.

Mary: - Já te disse várias vezes para não fazer isso com o braço. Fica parecendo uma garota. E você continua fazendo...

Bobby: - Eu sempre me vesti assim.

Mary: - Não, não se vestia. Tem piorado. Por que faz isso? Estou tentando te ajudar.

Bobby: - Não, não está. Está tentando ajudar a si mesma. Não tem a ver comigo, tem a ver com o que as pessoas pensam de você. Imagina que eles pensam que o seu filho é uma grande bicha.

Mary: - O que há de errado com você? Pará com isso!!!

Bobby: - Lindo, mãe. Ótimo.

Bobby entrega a chave do carro para a mãe, que diz: - Vamos para casa.

Bobby: - Eu vou a pé.

Mary: - Não. Onde você vai?

Bobby não responde e segue caminhando.

Cena 19

Bobby vai a um bar gay. Entra e meio desconcertado fica observando o movimento. Um rapaz se aproxima dele e o beija.

Rapaz: - Nunca o vi aqui antes. Você é tão bonito.

Bobby olha assustado. O rapaz dá outro beijo. Bobby diz que tem que ir embora. O rapaz pergunta se pode ligar para ele. Bobby diz que não e sai rapidamente do bar.

Ao sair do bar, Bobby vê uma casa religiosa com uma chamada “Igreja da Comunidade Metropolitana celebra orgulho gay. Todos são bem-vindos”.

Bobby vai para casa e sua mãe o espera. Bobby diz para ela não se preocupar que ele estava na igreja.

Cena 20

Bobby recebe a visita da sua prima Janeth. Eles são muito amigos.

Bobby: - Quanto tempo você vai ficar?

Janeth: - Só hoje. Tenho que ir esta noite. Vim ver o meu pai e não resisti e passei por aqui.

Na mesa de refeição (almoço) com a família de Bobby.

Bobby: - Talvez não seja uma escolha, talvez seja simplesmente “eu não posso fazer nada”.

Joy: - Então quer dizer que roubar não é uma escolha?

Bobby: - O que?

Janeth: - Tia Mary, o almoço está uma delícia.

Mary: - Joy está certa Bobby. A Bíblia diz “os homens cometem atos sem vergonha com outros homens e recebem as inerentes penalidades pelos seus erros”.

Bobby: - Você simplesmente não muda, não é mãe?

Mary: - Não posso apagar o que está na Bíblia.

Janeth: - Pessoalmente, acho que as pessoas deveriam poder amar quem quissem.

A família de Bobby fica desconcertada.

Janeth: - Já mencionei como o almoço está bom?

Mary: - **Até os animais sabem com quem fazer.**

Janeth: - Na verdade, o nosso cão faz com uma almofada...

Robert: - Por favor, arranjam outro assunto para conversarem. Ed, por que não nos fala da faculdade?

Bobby: - Desisti da escola na semana passada.

Robert: - Você o que? E a faculdade?

Bobby: - Não vou.

Mary: - Ótimo. E depois... vai arruinar sua vida?

Bobby: - A vida é minha para arruinar.

Mary sai da mesa.

Ao ir embora, Janeth comenta: - É sempre assim em todas as refeições?

Bobby: - Muito próximo.

Janeth: - Deveria vir me visitar em Portland. É maravilhoso. Eu costumava te invejar. Quando vinha aqui com meus pais, sempre desejei que seus pais fossem os meus. Vocês pareciam tão unidos...

Bobby: - Isso acabou. Acho que eles amam os pecadores e não os pecados.

Janeth: - Deviam amar o filho, independente do pecado. Eita, essa é boa. Vou começar a minha própria bíblia.

Bobby e Janeth se despedem com um abraço afetuoso.

Janeth: - Vai pensar em ir a Portland?

Cena 21

A campainha toca na casa de Bobby. A mãe atende. Duas travestis (ou dois homens fantasiados de mulher) estão à porta e perguntam se Bobby está.

Mary fica pasma e diz a Bobby: - Não bastasse você ir Deus sabe onde à noite, agora traz esses desviados à minha casa?

Bobby: - É também minha casa e eles são meus amigos.

Mary: - É isso que aquele rapaz é?

Bobby: - Agora também é pecado ter amigos, mãe? Nós nos divertimos, está bem? Vamos ao show de rock juntos. Significa que seremos destruídos?

Mary: - Eles são gays, não são? Pensei que você estava melhor.

Bobby: - Quando? Quando estava infeliz? Parecia que estava melhorando? Você tem razão, mãe. Estou condenado a apodrecer no Inferno.

Mary: - Não diga isso.

Bobby: - Mas é o que sua Bíblia diz.

Mary: - A Bíblia também diz que uma pessoa pode mudar.

Bobby: - Eu tentei mãe. Não consigo.

Mary: - Por que continua a escolher isso?

Bobby: - Por que escolheria isto? Por que escolheria ter a minha família inteira me odiando?

Mary: - Não, nós te amamos. Não percebe por que fazemos isso?

Bobby: - Sério, mãe? É assim que é o amor?

Bobby sai de casa com os amigos.

Cena 22

A família de Bobby o acompanha até o ônibus. Ele está indo visitar sua prima Janeth em Portland. Joy dá um presente para ele usar nas férias.

Joy: - Promete que vai ligar toda hora?

Bobby: - São dois meses.

Todos da família se despedem de Bobby. A mãe lhe dá uma Bíblia de presente. Diz a ele que pediu para gravarem as iniciais do seu nome na capa.

No caminho da viagem, Bobby vai pensando que já está feliz por estar longe de casa e livre. Parece uma nova vida. Um novo dia. **“Eu vou ser um sucesso de todas as formas que puder. O meu objetivo é alcançar um sentimento de orgulho e de valor como ser humano”**.

Na casa da prima, Bobby é recebido com muito carinho e afetuosidade. Sua prima o leva à cobertura do prédio. Liga o aparelho de som que toca uma música alegre e os dois ficam dançando.

A mãe de Bobby fica abalada com a viagem do filho.

À noite, os primos vão a um clube gay de dança “London House”. Na pista de dança, Janeth apresenta Bobby a um amigo (David). Eles dançam juntos.

David: - Janeth me disse que sua mãe quer curar sua homossexualidade?

Bobby: - É bem... meus pais não entendem. E os seus?

David: - No princípio, não. Mas, com o tempo, aceitaram a realidade.

Bobby: - Como é que os fez mudar?

David: - Um dia eu lhes disse: “Me aceitem como sou ou me esqueçam”.

Bobby: - Eu sei que minha mãe tem boas intenções, mas não sei se algum dia ela aceitará.

David: - Apenas não pare de tentar.

Cena 23

Bobby compra o livro “O que todos os pais devem saber sobre homossexualidade” e envia para a mãe.

Bobby e David começam a sair juntos. Eles têm momentos íntimos e de alegria.

Chega o dia de Bobby voltar para sua casa. David diz a ele: - Não deixe que ela (Mary) te atinja. E não tenha medo de enfrentá-la.

Os dois se beijam e se despedem.

Cena 24

Bobby chega em casa e seu pai o recebe. A família lancha juntos. Joy pergunta como foi a viagem. Bobby diz que foi ótima e que está pensando em se mudar para Portland por algum tempo.

Mary: - Mudar pra lá?

Bobby: - Eu conheci alguém. Um cara.

Mary se levanta e chama as filhas para recolherem o lanche.

Nancy: - É para fingir que não ouvimos isso?

Joy: - Sim.

Robert: - Bobby, pode não ter sido a hora certa.

Bobby: - Eu sei, desculpem-me. Diz isso e sai da sala e vai para a cozinha onde sua mãe está.

Mary: - Você deveria se preocupar com a faculdade. Em se formar primeiro.

Bobby: - Você me ouviu?

Mary: - Eu não quero saber.

Bobby: - Eu quero que você saiba. O nome dele é David.

Mary: - Para começar e não obter não diferente é melhor nem começar.

Bobby: - Quando estou com ele, sinto-me tão bem! Ele me trata bem, é engraçado e inteligente.

Mary: - Pará. Falo sério. Não quero ouvir e você sabe.

Bobby: - Fiquei o ano passado ouvindo você e agora vai me ouvir pelo menos uma vez. Eu me sinto bem quando estou com David. Mas, se ele me toca em público ou, Deus me livre, me beija, eu o afasto. Sinto vergonha.

Mary: - Por que sabe que é errado.

Bobby: - Por que você me disse que era errado.

Mary: - Não sou eu. É a Bíblia.

Bobby: - Não é a Bíblia, é você. Por que não admite isso? Por que não admite que não suporta aquilo que sou?

Mary: - Aquilo que se tornou.

Bobby: - Aquilo que sou. Lamento! Não sou o Bobby perfeito que sempre desejei. E não posso continuar a pedir desculpas por isso. Mãe, me aceite do jeito que sou ou me esqueça.

Mary: - Não vou ter um filho gay.

Bobby: - Então, mãe, você não tem um filho.

Mary: - Adeus.

Bobby sai desolado na cozinha e vai para a varanda externa. Sua irmã, Joy, vai falar com ele.

Joy: - Achava mesmo que ela iria aceitar?

Bobby: - Ela falou sério? Ela disse mesmo aquilo?

Joy: - Eu quero mesmo que você seja feliz. Tenho certeza que esse cara é muito legal. Não importa o que, ela nunca vai aceitar. Vai ser uma vida solitária, por que ele nunca será bem-vindo aqui. Nem no Natal, nem no dia de Ação de Graças. Nada.

Cena 25

Bobby vai embora de casa. O pai e os irmãos estão próximos ao carro de Bobby e se despedem dele. Mary não se despede de Bobby. Fica dentro de casa olhando o filho partir e chorando.

Ed: - Não se preocupe com mamãe. Tem que cair em si.

Bobby: - Não vou prender a respiração.

Bobby dá um presente ao Ed, que agradece.

Bobby: - Eu envio a primeira novela quando escrever.

Ao dizer isso, segue viagem.

Cena 26

Em Portland, Bobby vai trabalhar em um hospital. A mãe sente falta de Bobby. Está triste. Ouve no rádio que a AIDS é a praga gay.

Cena 27

Na casa de Janeth, Bobby recebe um presente de aniversário de sua mãe: um suéter e um folheto sobre “AIDS – a Ira de Deus”.

Janeth: - Sua mãe gastou muito com seu presente.

Bobby fica triste e indignado.

Janeth: - Você não pode esperar nada de diferente dela. Ela não vai mudar.

Bobby: - Aniversários sempre foram muito importantes para todos nós. Agora já não há “todos nós”. Não consigo meter isso na minha cabeça.

Cena 28

Bobby vai almoçar na casa do David. David diz à Bobby que sua família irá adorá-lo.

O almoço é amigável e descontraído.

A mãe de David pergunta: - Então, Bobby, fale-nos um pouco de você. David disse que você era muito íntimo da sua família. Então, como seus pais reagiram ao fato de ser gay?

Bobby: - Muito mal.

Mãe de David: - Talvez seja muito difícil para eles no início, mas cairão em si. Você parece um jovem maravilhoso. Tenho certeza que eles o amam.

Pai de David: - Vamos fazer um brinde. É ótimo conhecê-lo Bobby.

Bobby fica, durante o almoço, recordando-se das várias conversas ocorridas na casa de seus pais, principalmente as com sua mãe: “É um pecado. Não é natural. Eles cairão em si. Vai arruinar a sua vida. É um pecado. Ele nunca será bem-vindo aqui. Por que continua escolhendo isso? ”.

Cena 29

Bobby está andando sozinho em um lugar de prédios abandonados. Está entristecido e pensativo.

“Às vezes sofro tanto... Estou assustado e sozinho. Estou condenado”.

Os pensamentos sombrios continuam acompanhando Bobby em seu trabalho. Ele faz anotações em seu diário: **“Estou afundando num vasto lago de areia movediça. Um poço sem fundo. Gostaria de poder rastejar para baixo de uma pedra e dormir para sempre”.**

Bobby liga para David, mas não o encontra. Deixa um recado na secretária eletrônica dizendo **“eu preciso mesmo de alguém para conversar e tinha esperança que estivesse aí”.**

Cena 30

Enquanto isso, Mary reza para que **Bobby vença o seu pecado. Que ele encontre o caminho da pureza, o caminho da retidão.**

Cena 31

Bobby está muito triste. Sai do hospital e passa no “London House”. **De dentro do seu carro avista David, muito alegre, com outro rapaz e começa a chorar.**

Bobby volta ao trabalho, deixa chaves sobre uma mesa e torna a sair.

Entra no seu carro e vai até um viaduto da cidade (que cruza uma autoestrada). Muitos pensamentos o atormentam. Bobby sobe em uma mureta do viaduto e pula. Ele é atropelado por um caminhão e morre.

Cena 32

Janeth liga para a casa de Bobby. Joy atende à ligação e recebe a notícia na morte de Bobby. Janeth conversa com Robert.

Robert vai ao trabalho da Mary e diz a ela que Bobby se matou. Pulou de um viaduto. Mary se desespera.

Toda a família sofre com a morte de Bobby.

No velório, o pastor faz o seguinte sermão:

“A morte de uma pessoa amada é sempre trágica. Mas, a morte de um jovem pode ser particularmente dolorosa por que aquela pessoa tinha a vida toda pela frente. E Bobby tinha 20 anos. Nunca saberemos quem ele poderia ter se tornado ou o que poderia ter alcançado.

Bobby era um bom jovem, mas estava perdido. Deixando-se cair na tentação, ele escorregou. Então, desiludido, escolheu acabar com sua própria vida. Apesar de sabermos que devemos condenar o pecado e não o pecador, foi a este pecado que Bobby sucumbiu. Isso o conduziu a infelicidade e o conduziu a acabar com sua própria vida. Tal como a bondade alimenta a bondade, também o pecado alimenta o pecado”.

David, indignado, diz a Janeth: - Eles estão de acordo com isto? Janeth baixa a cabeça.

Cena 33

Na casa de Bobby, após o velório, durante a ceia. Mary pergunta a sua mãe: - Será que Bobby conseguiu a salvação?

Avó de Bobby: - Não sei.

Mary: - O suicídio de Bobby é um pecado, mas talvez Deus saiba que Bobby não estava bem da cabeça. Quero dizer, porque Deus permitiria que Bobby fosse para o Inferno se estava ao seu alcance curá-lo?

Avó de Bobby: - Eu não sei, Mary. Reconponha-se. As pessoas já estão desconfortáveis o bastante.

David se apresenta a Mary e diz que era amigo de Bobby e lhe dá as condolências. David diz a ela que Bobby era um jovem maravilhoso.

Após David sair, Mary pega o prato e os talheres que David usou e os joga no lixo. Depois, lava as mãos com muito furor.

Janeth entra na cozinha e diz: - Tia Mary, David é uma boa pessoa. Todos os amigos de Bobby são.

Mary: - Quando Bobby estava aqui, estava sob controle. Depois, mudou-se para Portland e alguém pôs essas ideias na cabeça dele.

Janeth: - Não foi assim. David gostava de Bobby.

Mary: - Somos a família dele, sabíamos como ajudá-lo. Ele queria mudar, ficar mais próximo de Deus.

Janeth: - Ficar mais próximo de você.

Mary: - Então, mergulhou cada vez mais naquele estilo de vida e não conseguiu sair.

Janeth: - Acredita em tudo o que lhe dizem na igreja? Sei que tinham boas intenções, mas aquele sermão...

Mary: - Bobby sabia das repercussões de manter um estilo de vida homossexual.

Janeth: - Bobby era bom, decente e gentil. Alguém que nem sequer o conhecia subiu lá e o condenou e você deixou. Bobby fez tudo o que podia para se tornar aceitável por você. Ele era tão bom, brilhante e engraçado. Ele devia ser louvado. Lamento que não consiga ver dessa maneira.

Mary: - Talvez deva ir embora.

Janeth: - Muito bem. Deixei as coisas de Bobby no quarto dele.

Cena 34

Mary sonha que Bobby está vivo e acorda assustada. Mary vai até o quarto de Bobby e começa a ler o seu diário:

“Estou afundando lentamente num vasto lago de areia movediça. Um poço sem fundo. Gostaria de poder rastejar para baixo de uma pedra e dormir para sempre. Ninguém me entende. Ninguém nesta casa consegue aceitar o meu lado da história. Posso sentir os olhos de Deus olhando para mim com pena. Não posso deixar ninguém descobrir que não sou hetero. Seria tão humilhante. Os meus amigos iriam me odiar. A minha família... já os ouvi demais. Disseram que odeiam os gays. E que até Deus odeia gays. Me assusta mesmo quando falam assim, por que agora estão falando de mim. Eu não quero escolher o pecado. Não quero. Estou tão irritado e frustrado com Deus. Parece que estou no fim do caminho. Por que continua calado?”

Cena 35

Mary está no seu trabalho lendo o diário do Bobby.

“30 de maio – Churrasco do Dia da Memória – me diverti demais. Mamãe mostrou o seu lado doce e engraçado, como a antiga mamãe. Por um segundo, pareceu como nos velhos tempos. Ela sorriu de algo que eu disse, e eu vi nos seus olhos que, por um segundo, ela esqueceu o que realmente pensa de mim. A ira nunca entra em erupção. Uma natureza calma nunca permite que uma tempestade absoluta aconteça”.

Mary vai ao banheiro do seu trabalho e chora muito.

Cena 36

Mary continua lendo o diário em sua casa. Senta-se, muito triste, no terraço de sua casa.

“Uma natureza calma nunca permite que uma tempestade absoluta aconteça. Mas, está lá no horizonte. Possa sentir os olhos de Deus me olhando com tanta pena. Não pode me ajudar, por que escolhi o pecado, em vez da retidão. #as coisas vão melhorar#, #vamos dar um tempo#.

Cena 37

Dois pastores da igreja de Mary vão a sua casa visitar a família. A família está toda reunida. Ed se levanta irritado. Um deles pergunta se Ed está bem.

Ed: - Ah, sim. Estou fantástico. Acho que estamos todos. Não é óbvio?

Mary: - Ed, temos que lidar com isto como família.

Ed: - Esta foi sua resposta para Bobby, também, mas não funcionou. Droga.

Irritado e bravo, Ed saiu da sala. Mary quer ir falar com ele, mas Robert diz que irá falar. Joy e Nancy também se retiraram da sala.

Ed vai para a varanda e está com muita raiva. O pai o chama para tomar uma cerveja.

Ed chorando diz: - Ele pensou ao menos no que nos faria? Ele podia ter ligado, ou algo, mas nada, apenas nos ferrou, não é?

Robert: - Ed ...

Ed: - E nada, nenhum ... nenhum adeus, nenhum... nada. Só... Desculpa, Bobby, desculpa. Está feliz agora?

Ed gritando: - Desculpa, Bobby. Está feliz agora?

Robert: - A culpa não é nossa.

Cena 38

Mary permanece na sala com os pastores da igreja.

Mary: - Deve haver outros Bobbys por aí. Outros jovens gays que podem estar pensando em se matar. A igreja tenta alcança-los?

Pastor: - Há outras igrejas que fazem isso. O reverendo Joseph nos pediu para dizer o quanto sente pela sua perda. Podemos voltar em algumas semanas e ver como está a sua família.

Mary chorando diz: - Vocês não compreendem. Eu não sei o que fazer. Preciso me perdoar por isso, mas não consigo. O Senhor diz que os impuros serão atirados no lago de fogo. Bobby pecou, mas era puro de coração. Nunca magoaria alguém em sã consciência. É suficiente? Chega?

Cena 39

Mary escreve em seu diário:

“Querido Deus, a minha relação contigo deixa algo a desejar. Nunca Te pedi nada, apenas dei, como fui ensinada. O teu Espírito Santo me ensinou tanto. Mas, agora, há mais que preciso saber”.

Cena 40

Mary lê o livro que o Bobby lhe deu: “O que todos os pais devem saber sobre homossexualidade”. Do livro cai um cartão da “Igreja da Comunidade Metropolitana” (trata-se

de uma igreja inclusiva). Mary vai a essa igreja e procura o reverendo Whitsell. Apresenta-se e pergunta a ele:

Mary: - A Bíblia diz que a homossexualidade é um pecado punido com a morte. Acredita nisso?

Reverendo: - Há outras interpretações da Bíblia, sra. Griffith.

Mary: - Meu filho era gay e se suicidou. Há outra interpretação para isso?

Reverendo: - Sinto muito. Como ele se chamava?

Mary mostra uma foto de Bobby: - Bobby Griffith.

Reverendo: - Eu o vi aqui algumas vezes.

Mary: - O meu Bobby?

Reverendo: - Ele se sentava sempre lá no fundo. Depois, deixou de vir. Lamento muito. Você deve estar...

Mary: - Eu preciso de respostas. Preciso saber onde ele está. A homossexualidade é um pecado imperdoável? Levítico, 18:22, diz: “Se um homem se deita com outro homem, é uma abominação”.

Reverendo: - Abominação, naquela época, não significava pecado, significava impuro. Levítico também continua dizendo que comer crustáceos é abominação ou misturar tecidos diferentes.

Mary: - Levítico, 20:13, “Se um homem se deita com outro homem, ambos devem ser mortos”.

Reverendo: - E depois diz a mesma coisa sobre a adúltero ou uma criança que desobedece aos pais. E nós, certamente, não interpretamos esse versículo literalmente. Em Deuteronômio, 22, “Se uma mulher não é virgem no dia do casamento, deve ser levada à casa do pai e apedrejada até morrer”.

Mary: - Então, o que você diz às pessoas que vem aqui? Pessoas gays. Que o homossexualismo está certo? Que é permitido aos olhos de Deus?

Reverendo: - Digo a eles o que acredito ser a verdade: que Deus os ama como são.

Mary: - A vingança de Deus é terrível.

Reverendo: - Tal como a Tua compaixão.

Mary: - Você não deveria lhes ensinar que a homossexualidade não tem problema. Não é o que a Bíblia diz. Apenas os confunde mais.

Reverendo: - Senhora Griffith, se quiser voltar durante a semana e conversar, minhas portas estão abertas. Mas não para ser acusado. Está bem?

O reverendo diz isso e se retira.

Cena 41

Mary está em casa preparando a mesa do jantar e pensando em Bobby. A família está montando a árvore de natal. Nancy pergunta à mãe se pode colocar na árvore de natal uma foto de Bobby quando era criança. Mary concorda. A lembrança de Bobby mexe com a emoção de todos.

Cena 42

Mary retorna à igreja e diz ao reverendo que leu os trechos da Bíblia que ele falou.

Mary: - Mas, e quanto à Sodoma e Gomorra? Deus puniu o pecado da homossexualidade. Como explica isso?

Reverendo: - É bom vê-la também, Mary.

Mary, olhando para vários objetos que estão dentro da sala, pergunta: - Para que isso?

Reverendo: - Venda de coisas doadas. Os gays também fazem caridade.

Mary: - Então, e quanto à Sodoma e Gomorra?

Reverendo: - Muitos estudiosos acreditam que o pecado foi a ganância e não a homossexualidade. E só foi rotulado assim, como homossexualidade, muitos anos depois de ter sido escrito.

Mary: - Suas respostas para tudo são apenas para justificar ser dessa maneira.

Reverendo: - Suas respostas são para justificar que é errado. Acho que estamos em um impasse.

Mary: - Então, acha que está certo interpretar a Bíblia da forma que quiser?

Reverendo: - Não, claro que não. Mas, a Bíblia foi escrita e interpretada por homens. E muitas dessas interpretações foram reflexos do tempo em que viviam.

Mary: - Então, você se sente completamente livre para questioná-la? Por que eu acho blasfêmia.

Reverendo: - Acho que Deus não gosta de perguntas. Ele pode não ficar contente com todas as respostas. Acho que ter fé cega é tão perigoso como não ter fé.

Mary: - Eu nunca questioneei a minha fé.

Reverendo: - Às vezes, questioná-la ajuda a encontrar uma fé mais profunda.

Mary: - Bobby deixou de vir aqui. Acho que a razão foi ele nunca se permitir ser digno do amor de Deus. E nós não o ajudamos.

Reverendo: - Mary, alguma vez ouviu falar do P-FLAG? É uma organização nacional. Significa: Pais e Amigos de Lésbicas e Gays.

Mary: - Não é pra mim.

Reverendo: - Pode ajudar. E seria capaz de ver que não está sozinha nisso.

Mary: - Adeus reverendo.

Reverendo: - Há uma mulher em Concord, Betty Lambert. Vai adorá-la. Tem um filho gay de 30 anos.

Mary: - Eu só tinha algumas perguntas. Não preciso de mais nada.

Reverendo: - Pelo sim, pelo não, tome um cartão com os contatos de Betty.

Cena 43

Mary conversa com o esposo sobre a Bíblia e fala de algumas interpretações que não são questionadas.

Mary: - O que estou dizendo é que, se a igreja não interpreta isso literalmente, talvez a homossexualidade esteja nesta lista.

Robert: - Pode estar.

Mary: - Não acha isso importante?

Robert: - Eu nunca liguei para primeira interpretação da Bíblia.

Mary: - Bem, pode significar que Bobby está no céu.

Robert: - Sim, mas ele não está aqui, certo? Por que não é o suficiente para você?

Mary: - É suficiente para você?

Robert: - Vai melhorar alguma coisa tudo o que está fazendo?

Mary: - Que quer que eu faça? Que o esqueça? Não consigo fazer isso. Talvez você possa.

Robert: - Não, não quero esquecer dele, Mary. Quero lembrar dele e avançar. Mas, não consigo. Ninguém consegue.

Roberto fala irritado, levanta-se e começa a sair da sala.

Mary: - Isso, sai, como você sempre fez. Nunca lida com nada.

Robert: - Então, talvez, se eu lidasse o Bobby ainda estaria vivo? É o que quer dizer? É o que pensa? Vai me responder?

Fica um silêncio. Robert sai da sala e retorna.

Robert diz gritando: - Ouça, Mary, ambos cometemos erros. Todos cometem erros. Mas, está feito. Ele morreu. Não vamos conseguir trazê-lo de volta

Mary responde gritando: - Eu sei disso. Não sabe que eu sei disso?

Mary começa a chorar e se sente muito triste.

Cena 44

Mary recebe em sua casa a visita de Betty Lambert.

Betty: - O reverendo Whitsell me contou o que aconteceu com o Bobby. Não consigo imaginar o que é perder o filho dessa maneira. Há quanto tempo foi?

Mary: - Seis meses e poucos dias.

Betty: - O nosso filho tinha 14 anos quando se assumiu perante nós.

Mary: - Isso não é ser um pouco novo?

Betty: - Eu sabia antes disso. Nós, mães, sempre sabemos. Sempre. Não sabemos?

Mary: - E vocês lidavam bem com isso?

Betty: - Oh, Deus, não. Acho que nenhum pai ouve a notícia e pensa “Que bom”.

Mary: - “Que bom” não foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

Betty: - Mary, por que não vem a uma reunião do P-FLAG comigo?

Mary: - Não, eu não. Não sou boa para falar em grupos.

Betty: - Então, não fale. Apenas venha e ouça. Acho que ficará chocada com a quantidade de pessoas que pensam que são as únicas famílias americanas que passam por isso.

Mary: - Vou pensar.

Cena 45

Mary vai a uma reunião do P-FLAG e ouve relatos dos pais sobre a dificuldade de lidar com a situação dos filhos, os insultos sofridos pelos filhos e os “tratamentos” infundados de cura.

O reverendo Whitsell chega à reunião e uma das participantes noticia que ele está propondo ao Conselho de Walnut Creek¹¹ um dia de Liberdade Gay.

O reverendo diz que a votação será em um mês e gostaria de ter o apoio de todos os presentes.

Cena 46

Mary volta para casa e se reconcilia com o marido. De madrugada, Mary acorda e vai ao quarto de Bobby e retira todas as mensagens bíblicas que estavam fixadas na parede e em outros ambientes. Mary chora. Debaixo de chuva e de pijama, Mary vai à igreja do reverendo Whitsell que se encontrava fechada. Mary permanece no local. O reverendo chega e pergunta o que Mary está fazendo do lado de fora.

Mary: - Eu não sabia para onde ir.

Dentro da igreja, Mary diz: - **Eu estava lá, ouvindo a história deles sobre como sempre souberam que seus filhos eram diferentes. E então eu tive um sonho esta noite. Meu filho sempre foi diferente. A sua diferença começou na concepção. Eu sabia disso. Eu podia sentir. Agora sei por que Deus não curou Bobby. Não o curou por que não havia nada de errado com ele.**

¹¹ Tipo de governo municipal americano.

E chorando muito, Mary diz: - Eu fiz isso. Eu matei meu filho.

Reverendo: - Você não matou seu filho. Bobby se matou.

Mary: - Como Deus vai me perdoar? Como Bobby vai me perdoar?

Reverendo: - Deus já deu o perdão. Você tem que perdoar a si mesma.

Mary: - Eu lamento tanto. Eu lamento tanto.

Cena 47

Mary vai visitar o túmulo de Bobby e diz: - “Querido Deus, dê-nos algo que possamos viver e transmita aos outros cujas vidas nunca serão as mesmas por causa da morte de entes queridos. Eu não decidi ter olhos castanhos. E agora compreendo que Bobby não decidiu ser gay. Se Tu dizes nas Tuas palavras que é maligno e satânico nascer sem braços e uma criança nasce sem braços o que essa criança vai pensar? ”.

Cena 48

Mary vai com outras mães à reunião do Condado na qual o reverendo Whitsell requiere um dia de Liberdade Gay. Há muitos manifestantes no local, prós e contra a proposta, inclusive antigas amigas de Mary. A mídia televisiva também está no local.

A família de Mary assiste à transmissão das manifestações e da reunião em casa.

Dentro do plenário, o reverendo começa a explicar sobre o direito ao dia de Liberdade Gay. Há manifestações contrárias no plenário. O presidente do Conselho vai colocar a proposta em votação quando Mary se levanta para se manifestar sobre o tema e faz o seguinte discurso:

“Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se ao menos eles tentassem e tentassem com mais afinco talvez isso funcionasse. Essas foram as coisas que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo desmoronou. **Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença.** Há oito meses, meu filho pulou de um viaduto e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. **Vejo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração ... não estaria aqui hoje, com vocês, cheia de arrependimento.**

Eu acredito que Deus estava contente com o espírito gentil e amável do Bobby. **Aos olhos de Deus, gentileza e amor é tudo que importa. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia a condenação eterna aos gays, cada vez que eu me referia ao Bobby como doente, pervertido e perigoso às nossas crianças, a sua autoestima, os seus próprios valores,**

estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou para além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o muro de um viaduto e pulasse diretamente na frente de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. **A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay”.**

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tirados dele, mas foram. Há crianças, como o Bobby, presentes nas suas congregações, desconhecidas de vocês. Elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. **E isso depressa silenciará suas preces. Suas preces a Deus por compreensão e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ irão silenciar essas preces.** Por isso, antes de ecoarem ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo”.

Mary é aplaudida por muitas pessoas. Em sua casa, sua família (inclusive sua mãe) ficam emocionados com o seu discurso.

Mary, ao chegar em casa, é recebida com alegria pela família. Ela diz que perderam a votação, mas Robert lembra que no próximo ano poderão apresentar a proposta de novo.

Cena 49

Robert conversa com Mary sobre ir à manifestação em São Francisco para a Parada do Orgulho Gay. Mary diz que precisa dar a eles a escolha.

Mary e família desfilam na parada gay segurando uma faixa do P-FLAG.

Mary registra: **“ A todos os Bobby e Janes por aí, digo a vocês estas palavras, como as diria aos meus preciosos filhos. Por favor não desistam da vida. Nem de vocês. Vocês são muito especiais para mim. Estou trabalhando muito para fazer deste mundo um lugar melhor e mais seguro para vocês viverem. Prometam-se que vão continuar tentando. O Bobby desistiu do amor. Espero que vocês não o façam. Estarão sempre no meu coração”.**

Trecho do diário de Bobby: “Meu nome é Bobby Griffith. Escrevo isso na esperança de que um dia, daqui a muitos anos, eu possa ser capaz de voltar e me lembrar **como era um jovem adolescente confuso tentando desesperadamente me compreender no mundo em que vivia.** Outra razão pela qual escrevo isso é que muito após a minha morte outros possam ter a hipótese de ler a meu respeito e ver como foi a minha vida enquanto jovem”.

Durante a passeata, Mary abraça, com muito carinho, um jovem que a fez lembrar de Bobby.